

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

**MODIFICAÇÃO DE PREDICADOS POR EXPRESSÕES ADVERBIAIS EM  
PRIMEIRA POSIÇÃO NO GUAJÁ**

**Débora Oliveira Silva Alves**

**Brasília**

**2020**

**Débora Oliveira Silva Alves**

**MODIFICAÇÃO DE PREDICADOS POR EXPRESSÕES ADVERBIAIS EM  
PRIMEIRA POSIÇÃO NO GUAJÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção de grau de Mestra em Linguística.

Orientadora:

**Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães**

**Brasília**

**2020**

OS586m Oliveira Silva Alves, Débora  
Modificação de predicados por expressões adverbiais em  
primeira posição no Guajá / Débora Oliveira Silva Alves;  
orientador Marina Maria Silva Magalhães. -- Brasília, 2020.  
79 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2020.

1. Família Tupi-Guaraní. 2. Guajá. 3. Predicados. 4.  
Expressões adverbiais. 5. Omnipredicatividade. I. Silva  
Magalhães, Marina Maria, orient. II. Título.

**Débora Oliveira Silva Alves**

**Modificação de predicados por expressões adverbiais em primeira posição no Guajá.**

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de pesquisa: Gramática: Teoria e Análise

Trabalho defendido em 16 de março de 2020.

**Banca Examinadora:**

---

Professora Doutora Marina Maria Silva Magalhães – Presidente – (UnB/PPGL)

---

Professora Doutora Walkiria Neiva Praça – Membro - (UnB/PPGL)

---

Professora Doutora Aline da Cruz – Membro - (UFG/ NTFSI)

---

Professora Doutora Flávia de Castro Alves – Suplente - (UnB/PPGL)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades e pessoas que coloca em meu caminho, permitindo que eu cresça e aprenda todos os dias;

à minha família, pelo suporte e amor incondicional a mim transferidos, pelo incentivo e encorajamento, pelos conselhos sempre pertinentes e por terem formado o ser humano que sou hoje;

à minha orientadora, professora Marina Magalhães, verdadeira mestra a quem despendo minha profunda admiração, por compartilhar comigo um pedacinho da sua vida e do seu enorme conhecimento, por toda paciência, força, disponibilidade e por não medir esforços para ensinar e encorajar com muita ternura e seriedade;

à Universidade de Brasília, a que dediquei meus melhores anos, de aprendizado e crescimento pessoal, e que me proporcionou uma graduação e uma pós-graduação com grandes mestres;

às professoras Walkíria Neiva Praça e Aline da Cruz, pela imensurável e indispensável contribuição a meus estudos e pelo conhecimento compartilhado;

aos Awa Guajá, que mesmo distantes fizeram parte da minha vida nos últimos anos e foram essenciais para meu aprendizado e desenvolvimento;

aos meus amigos, que estiveram sempre ao meu lado, apoiando e compreendendo minhas ausências quando necessárias, em especial agradeço a Letícia e Lucas, por entrarem nessa jornada comigo e me encorajarem do começo ao fim;

ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, por mediar e proporcionar o conhecimento e por oferecer a oportunidade de estar aqui a mim; e

ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida, motivando e auxiliando a vida acadêmica, o que impulsiona e incentiva o pesquisador.

## RESUMO

O presente estudo se propõe a investigar, descrever e comparar com outras línguas da família Tupí-Guaraní o fenômeno que ocorre no núcleo de um predicado ao haver a modificação de posição de uma expressão adverbial para o início da sentença na língua Guajá. Quando há a alteração da posição canônica de uma expressão adverbial, que é ao final da sentença, ocorre uma mudança estrutural morfossintática, com o surgimento de um sufixo no núcleo do predicado e a alteração na marca de pessoa, que passa a ser expressa por um paradigma típico de orações menos finitas. De um ponto de vista pragmático, interpretamos que a expressão adverbial, ao ser trazida para posição de destaque, ganha maior peso informacional na sentença, e isso faz com que o predicado que antes era a informação principal se torne a informação secundária. Além disso, relacionamos esse tipo de construção com a tipologia omni-predicativa, levando em consideração as características omni-predicativas que a língua Guajá possui, herdadas de uma língua ancestral em que todas as principais entradas lexicais eram capazes de funcionar como predicado primariamente. Os capítulos descrevem subsequentemente: 1) informações básicas sobre o povo, a língua e a pesquisa; 2) características essenciais da língua que contribuem para o entendimento do tema, como o funcionamento das classes de palavras do Guajá; 3) a descrição estrutural do fenômeno em línguas mais conhecidas e no Guajá; 4) a análise da estrutura propriamente dita, em termos gramaticais e pragmáticos, retomando as análises anteriores já realizadas com relação ao fenômeno e interpretando-as com base nos dados do Guajá.

**Palavras-chave:** Família Tupí-Guaraní. Guajá. Predicados. Expressões adverbiais, Omnipredicatividade.

## ABSTRACT

This study aims to investigate, describe and compare with other languages of the Tupí-Guaraní family the phenomenon that occurs in the nucleus of a predicate when there is a change in the position of an adverbial expression for the beginning of the sentence in the Guajá language. When there is a change in the canonical position of an adverbial expression, which is at the end of the sentence, there is a morphosyntactic structural change, with the appearance of a suffix in the nucleus of the predicate and the change in the person mark, which starts to be expressed by a typical paradigm of less finite sentences. From a pragmatic point of view, we interpret that the adverbial expression, when brought to a prominent position, gains greater informational weight in the sentence, and this makes the predicate that used to be the main information become the secondary information. Furthermore, we relate this type of construction to the omnipredicative typology, taking into account the omnipredicative characteristics that the Guajá language has, inherited from an ancestral language in which all the main lexical entries were able to function as a predicate primarily. The chapters subsequently describe: 1) basic information about the people, the language and the research; 2) essential characteristics of the language that contribute to the understanding of the theme, such as the functioning of the Guajá word classes; 3) the structural description of the phenomenon in better known languages and in Guajá; 4) the analysis of the structure itself, in grammatical and pragmatic terms, resuming the previous analyzes already carried out in relation to the phenomenon and interpreting them based on the data from Guajá.

**Keywords:** Tupí-Guaraní family. Guajá. Predicates. Adverbial expressions. Omnipredicativity.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>7</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE FIGURAS E TABELAS .....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>15</b>
<b>O povo, a língua e a pesquisa.....</b>	<b>15</b>
1.1    Awa Guajá: O povo e a língua .....	15
1.2    Fundamentação teórica .....	18
1.3    Metodologia .....	19
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>20</b>
<b>Características essenciais da língua Guajá .....</b>	<b>20</b>
2.1.    Classes de palavras e suas características morfológicas e sintáticas .....	20
2.2.    A noção de valência associada às distintas classes de palavras .....	27
2.2.1.    Valência verbal .....	30
2.2.2.    Valência Nominal .....	32
2.2.3.    Valência das expressões adverbiais .....	34
2.2.4.    Valência e expressão de pessoa nas diferentes classes de palavras .....	35
2.3.    Marcação de pessoa em nominalizações e subordinações .....	36
2.3.1.    Nominalizações .....	36
2.3.2    Orações subordinadas .....	40
2.4.    A hipótese da omnipredicatividade das línguas Tupí-Guaraní .....	41
2.5.    Construções téticas e hierarquia de predicados.....	45
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>51</b>

<b>A estrutura das sentenças com sintagmas adverbiais antepostos .....</b>	<b>51</b>
3.1.    Histórico de análises dessa estrutura.....	51
3.2.    O fenômeno no Guajá .....	55
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>60</b>
<b>Análises das construções com sintagmas adverbiais antepostos .....</b>	<b>60</b>
4.1.    Análise gramatical .....	60
4.2.    Análise pragmática.....	63
4.3.    A relação entre a anteposição de predicados adverbiais e a omni- predicatividade...	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>77</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
I	Série I
II	Série II
III	Série III no Parintintim
A	Ativo
ABL	Posposição ablativa
ARG	Caso argumentativo no Apyãwa
AT	Atestado no Kamaiurá
AT2	Partícula evidencial de testemunho/passado longínquo
ATEN	Sufixo de atenuação
CAUS	Causativizador
CIRC	Modo circunstancial no Kamaiurá
COL	Coletivizador
COM	Comitativo
CONS	Consecutivo
COR	Correferencial
CTF	Partícula direcional centrífuga
CTP	Partícula Centrípeta
D.E	Demonstrativo espacial em Apyãwa
DEM	Demonstrativo
DAT	Dativo
DUB	Partícula epistêmica dubidativa
EXO	Modo Exortativo
FIN	Partícula de finalidade/simultaneidade
FUT	Futuro
GER	Gerúndio
HAB	Habitual
HUM	3ª pessoa humano não-referencial
IMED	Partícula de aspecto immediativo

IMPERF	Imperfectivo
INT	Partícula interrogativa I
INTENT	Partícula de intencionalidade
INDEF	Indefinido
INTEN	Partícula de intencionalidade
LK	Linker (relacional)
LOC	Locativo
MASC	Masculino
MED	Partícula evidencial mediativa
MOSTR	Mostrativo
MUD	Partícula de mudança
NA	Não ativo
NEG	Negação
NMLZ	Nominalizador
N.PR	Nome próprio
NMLZ	Nominalizador
PAS.REC	Passado recente no Apyãwa
PAS.MED	Passado médio no Apyãwa
PERM	Partícula permissiva
PL	Plural
PFT	Perfectivo em Nheengatú
PLU	Partícula pluralizadora de sujeito
PROJ	Partícula de aspecto projetivo
PROSP	Sufixo de atualização prospectiva
REM.PASS	Passado remoto atestado
REAL	Partícula epistêmica de pressuposição
RETR	Sufixo de atualização retrospectiva
RFR	Referenciante
SG	Singular
SUB	Subordinador
TEMP	Partícula temporal
TG	Tupí-Guaraní

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1	Mapa da terra indígena Awa Guajá.....	14
Tabela 1	Estrutura de informação com a partícula <i>mõ</i> .....	26
Tabela 2	Os marcadores de pessoa das séries I e II.....	27
Tabela 3	Categorias lexicais e função dos marcadores pessoais.....	34

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar e comparar os dados disponíveis da língua Guajá sobre a anteposição de expressões adverbiais e a conseqüente alteração sintática na estrutura da sentença para investigar se a hipótese apresentada por Praça, Magalhães e da Cruz (2017) sobre a motivação pragmática que justifica a existência da estrutura aqui tratada encontra respaldo nos dados.

Além disso, são objetivos específicos:

- Comparar os dados do Guajá com o de outras línguas da FTG, mais e menos conservadoras em relação ao fenômeno, para tentar entender que mudanças diacrônicas poderiam ser atestadas para corroborar ou invalidar a hipótese;
- Descrever a diferença entre a variante dos Awa Guajá mais velhos, que conserva a estrutura aqui analisada e a dos mais jovens, que têm deixado de utilizá-la, e buscar explicação que justifique essa tendência de perda;
- Analisar e comparar a ocorrência dos marcadores de pessoa nessas construções específicas: por que haveria restrição à ocorrência da estrutura com relação à pessoa?
- Investigar, comparando com outras línguas da família, por que o sufixo *-ni* do Guajá, que marca a estrutura aqui analisada, ocorre não apenas em sentenças que têm expressões adverbiais na primeira posição, mas também em orações iniciadas pela partícula interrogativa *mõ* e pela partícula mostrativa *kwa*;
- Relacionar o fenômeno em foco com a tendência à degradação da tipologia omnipredicativa das línguas da FTG, em especial a da língua Guajá.

A dissertação está organizada da seguinte maneira: o Capítulo 1 trata de assuntos gerais a respeito do povo Awa Guajá, da língua e da pesquisa em si, apresentando a fundamentação teórica e a metodologia utilizada.

O capítulo 2 descreve as características essenciais da língua necessárias para se compreender o fenômeno tratado, como as classes de palavras existentes, suas funções, e como a noção de valência pode ser associada a verbos, nomes e expressões adverbiais. Trata também dos pronomes e as duas séries de marcação de pessoa. Ainda no capítulo 2, são explicitados os processos de nominalização e subordinação na língua, necessários para se compreender a natureza da estrutura morfossintática das sentenças com anteposição de expressões adverbiais. A tipologia omnipredicativa das línguas TG, bem como a noção de construções téticas e

hierarquia de predicados, conceitos essenciais para a explicitação do tópico central deste trabalho, são abordados ao fim deste mesmo capítulo.

O capítulo 3 entra mais precisamente no que este trabalho se dispõe a analisar, que são as expressões adverbiais em primeira posição na sentença. Aqui, observaremos como as expressões adverbiais antepostas se comportam em algumas das línguas da família Tupí-Guaraní. Uma subseção será destinada apenas para a descrição da estrutura no Guajá, com suas especificidades.

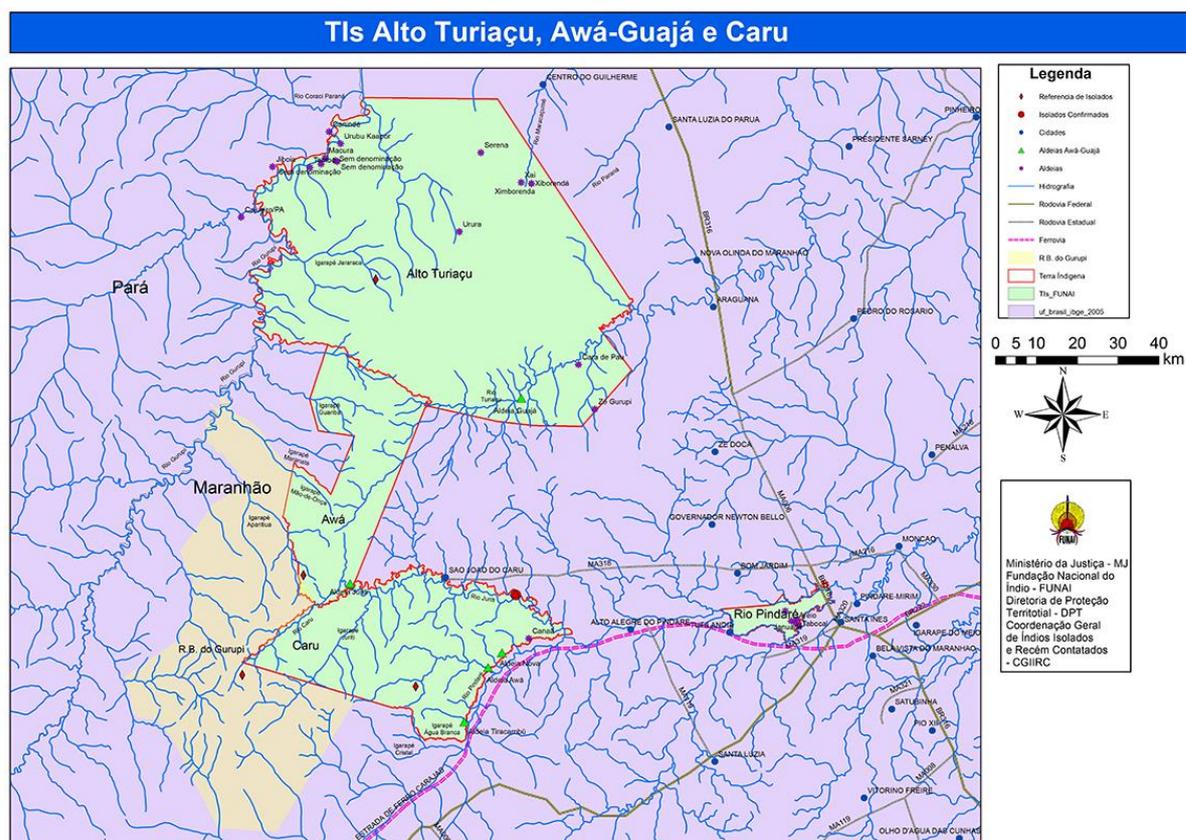
O capítulo 4 apresenta a análise do fenômeno da anteposição de expressões adverbiais, primeiramente a partir de uma perspectiva gramatical, focando nas mudanças morfossintáticas que essa anteposição causa, como o sufixo que surge no núcleo do predicado e alteração nas marcas de pessoa utilizadas. e depois, a partir de uma perspectiva pragmática, avaliando as motivações dos falantes de trazerem expressões adverbiais para uma posição privilegiada informacionalmente. Além disso, ao fim deste capítulo, relacionaremos a estrutura aqui analisada com a tipologia omnipredicativa.

# CAPÍTULO 1

## O povo, a língua e a pesquisa

### 1.1 Awa Guajá: O povo e a língua

Os Awa Guajá<sup>1</sup>, autodenominados Awá, são um grupo relativamente heterogêneo de exímios caçadores e coletores, formados por distintos núcleos familiares habitantes do noroeste do estado do Maranhão, parte oriental da Amazônia, atualmente distribuídos em quatro aldeias nas Terras Indígenas (TIs) Alto Turiyaçu, Awá e Caru, indicadas no mapa abaixo. Há, ainda, o registro da existência de grupos isolados não apenas nessas áreas, mas também na TI Arariboia. Atualmente, cerca de 500 pessoas compõem essa etnia (FUNASA 2018), falante da língua Guajá, que pertence ao subgrupo VIII da família Tupi-Guarani, Tronco Tupi, composto por mais outras oito línguas: Emerillón, Wayampi e Zo'e, ao norte do Amazonas, e Guajá, Anambé, Ka'apor, Takunyapé, Turiwará e Amanayé, ao sul (Rodrigues 1984: 85).



<sup>1</sup> Usaremos aqui a forma Awa Guajá, respeitando a opção escolhida pelo próprio povo para seu reconhecimento, com uso da palavra Awa sem acento agudo, de acordo com a ortografia da própria língua, e da palavra Guajá, denominação externa, na ortografia do português, conforme explicado em Magalhães (2013).

Figura 1: mapa da terra indígena Awa Guajá. <Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1820-mapa-da-terra-indigena-awa-guaja>>

A autodenominação *Awa* vem do vocábulo *awa*, que significa “gente”, “humano verdadeiro”, e os distingue dos demais seres humanos: *kamará* ‘indígena de outra etnia’; *karai* ‘não indígena que fala português’; e *karairÿna* ‘não indígenas estrangeiros’ (Magalhães 2007: 2). A denominação *Guajá*, por meio da qual são mais conhecidos, é externa e foi atribuída a eles, ainda não se sabe ao certo, talvez por outras etnias, como os guajajara (Forline 1997). Recentemente, segundo Magalhães (2013) optaram por ser reconhecidos oficialmente como Awa Guajá, associando a autodenominação – que é também usada por outros falantes de línguas Tupi, como os Avá Canoeiros – com a denominação externa.

O contato permanente com dos não indígenas com os Guajá iniciou-se a partir de 1973, embora se soubesse da existência do grupo desde o início do século. O primeiro encontro com os *karai* só ocorreu por decisão dos próprios Awa Guajá, quando cederam às tentativas de contato de uma frente de atração, e foi bastante negativo, uma vez que grande parte da população adoeceu e morreu por conta de uma gripe, segundo Garcia (2010: 6). Contatos subsequentes a esse foram ocorrendo ao longo das quatro últimas décadas, tendo sido a maior parte dos Awa Guajá transferidos para aldeias, sendo que até hoje, no entanto, há grupos isolados que preferem não abandonar seu modo de vida tradicional, de caçador e coletor, e evitam o contato.

Os Awa Guajá têm a caça e a coleta como principal atividade e são conhecidos por serem um povo que não possui conhecimento tradicional sobre a prática de cultivo, apesar de que no passado possivelmente tenham praticado essa atividade<sup>2</sup>, mas, por pressão de grupos maiores, não puderam se manter em um mesmo lugar sempre, o que os tornou caçadores e coletores primordialmente. A fama de não agricultores vem se modificando com o passar dos anos e com o contato com a FUNAI, que passou a ensinar aos mais novos o plantio e cultivo de mandioca, principalmente para produção de farinha, milho, abóbora e arroz. Segundo Garcia (2010: 9-10), a caça ainda é a maior fonte de subsistência desse povo, por isso a floresta é essencial para sua sobrevivência, tanto para prosseguirem como caçadores, como para poderem coletar o que a natureza tem a oferecer. Com tais características, vez ou outra os Awa aparecem nos meios de

---

<sup>2</sup> No vocabulário dessa língua, como em todas as línguas TG, há muitas palavras do campo semântico ‘agricultura’, o que sugere que foram agricultores no passado, assim como todos os povos TG. (Forline, 2005 <disponível em <https://pib.socioambiental.org/en/Povo:Guaj%C3%A1>>)

comunicação nacionais como os “últimos nômades caçadores-coletores do Brasil”, como são apresentados pela ONG inglesa SURVIVAL, por exemplo.

Os falantes de Guajá possuem diferentes graus de bilinguismo com relação ao português, dependendo da faixa etária, gênero e aldeia em que vivem, sendo grande parte das mulheres, velhos e crianças ainda monolíngues em Guajá, situação que gradativamente vai se modificando, à medida em que o português vai fazendo cada vez mais parte da vida nas aldeias (Magalhães, 2013).

Informações mais detalhadas sobre os Awa Guajá foram apresentadas primeiramente por alguns estudiosos como o etnólogo Mércio Pereira Gomes, que escreveu vários artigos e textos sobre eles e o antropólogo e etnólogo Louis Carlos Forline, que desde 1990 realiza trabalho de pesquisa a respeito dos Awa Guajá, tendo produzido uma tese de doutorado sobre eles (cf. Forline, 1997), além de vários artigos sobre a experiência de contato deles com a sociedade envolvente e a transição do nomadismo para a agricultura. Mais recentemente o antropólogo e etnólogo Uirá Felipe Garcia tem permitido o aprofundamento do conhecimento a respeito dessa etnia por meio de sua tese de doutorado (cf. Garcia, 2010), de artigos que versam sobre caça e ecologia, parentesco, sistemas de conhecimento e ação, além de um livro recentemente publicado sobre os Awa Guajá (cf. Garcia, 2019).

Voltada mais precisamente para o estudo da língua, sua morfologia e sintaxe, há a tese da linguista Marina Magalhães (cf. Magalhães 2007), que apresenta as principais características da língua, dando ênfase às estruturas morfológicas e sintáticas do Guajá. Magalhães também vem publicando artigos que tratam de aspectos específicos da língua (cf. Magalhães 2006, 2012, 2013, 2014, 2014, 2016, 2017, 2019) e também de características relacionadas a outras línguas da família, em parceria com outros autores (cf. Magalhães & Mattos 2014, Forline & Magalhães 2016, Praça, Magalhães & Cruz 2017, Cruz, Magalhães e Praça 2019 e Magalhães, Cruz e Praça 2019). Sobre o Guajá há também as dissertações de mestrado de Péricles Cunha (1987), que apresentou pela primeira vez um breve estudo sobre a língua, e a de Ana Paula Lion (2008) que trata da descrição mais aprofundada da fonologia da língua.

O estudo cada vez mais aprofundado sobre a língua e a cultura Awa Guajá e a divulgação de seus resultados têm sido importante para o desenvolvimento de ações voltadas para a educação, como a proposta de uma ortografia da língua (elaborada por Ruth Monserrat e adaptada por Magalhães), que tem permitido a alfabetização desse povo em sua língua materna e a fabricação de materiais didáticos para facilitar o ensino e a aprendizagem, o que é muito importante para sua preservação, assim como ações voltadas para a preparação de agentes do

estado brasileiro que estão em contato frequente com os Awa Guajá e precisam saber como se relacionar melhor com pessoas de língua e cultura tão diferentes.

## 1.2 Fundamentação teórica

A análise da língua foi realizada com base nos estudos funcionalistas, visto que essa abordagem concebe a linguagem como um instrumento da comunicação humana, dando ênfase à função da própria língua diante do contexto discursivo e cultural de seus falantes. Os principais autores dessa corrente são Comrie (1976, 1981, 1989), Hopper & Thompsom (1980), Mithun (1984), Dixon (1994), Givón (1995), DeLancey (2000), entre outros que são tradicionalmente citados em pesquisas de cunho funcionalista. Nesta dissertação utilizaremos conceitos básicos difundidos por parte desses autores, no que se refere ao tema aqui pesquisado.

Com relação a temas mais específicos sobre as línguas da família Tupi-Guarani (FTG), os principais autores que contribuíram com a pesquisa, seja com relação à própria língua Guajá, seja para subsidiar a comparação com as outras línguas da família são, principalmente, Rodrigues (1953, 2010), Betts (1969), Seki (2000), Queixalós (2006), Magalhães (2007, 2014, 2017), Praça (2007) e Praça, Magalhães e da Cruz (2017, 2019), entre outros.

No que se refere à omni-predicatividade – outro importante ponto para a presente pesquisa –, também conhecida como não-configuracionalidade em termos gerativistas, apoiaremos principalmente em Launey (1994, 2004).

Sobre construções téticas, um tema importante para esse trabalho de pesquisa, também foram estudados autores específicos que tratam do assunto e representaram importante contribuição para a discussão: Kuroda (1972-73), Sasse (1987), Lambrecht (1994) e Cassielles & Progovac (2012). Quanto à discussão pragmática aqui abordada, Mithun (1987), Launey (1998), Lambrecht (1994) e Givón (2001) embasaram as questões apresentadas sobre tema e rema, tópico e foco, entre outros conceitos a esse respeito.

De maneira resumida, e utilizando a definição de Givón (1995), podemos entender a abordagem funcionalista como aquela em que se considera, essencialmente, que um mesmo evento pode ser codificado de diversas maneiras em diferentes línguas, já que existe interferência dos diferentes recursos que estão à disposição do falante para sua codificação, não refletindo, no entanto, diferenças profundas na cognição do evento. Assim, essa abordagem aponta para o fato de que as gramáticas das línguas refletem a cognição de maneira "tipológica", conforme o traço da gramática levado em consideração. Em muitas áreas da gramática se encontra uma variedade tipológica, isto é, diferentes línguas codificando, por meios estruturais

diferentes – embora muitas vezes relacionados – tarefas semelhantes do processamento da fala. Uma das marcas do tratamento funcionalista do estudo da linguagem é exatamente a importância dada ao estudo de línguas diversas, como meio de mostrar que as regras da gramática são não-arbitrárias, ressaltando, porém, que isso não implica que exista um único modo universal de codificação gramatical de cada função comunicativa particular. Aliás, segundo o autor, o que o estudo da diversidade das línguas sugere é justamente o oposto disso.

### 1.3 Metodologia

A pesquisa aqui realizada caracteriza-se por ter cunho bibliográfico, uma vez que os dados analisados não foram coletados por mim, mas são parte do inventário de dados e textos narrativos coletados por Magalhães, parte dele já publicada. A análise desses dados terá caráter qualitativo, haja vista o objetivo ser estudar o fenômeno aqui descrito por meio dos dados coletados, fazendo com que, por meio de dessa análise, encontremos respostas e explicações para os padrões da língua, conforme explica Russell (1940).

Além disso, o estudo terá cunho comparativo, já que o fenômeno aqui analisado pode ser observado também em outras línguas da família Tupi-Guarani, a partir de fontes bibliográficas sobre as línguas Tupinambá (Anchieta (1990), Rodrigues (1953) Rodrigues e Cabral (2002, 2011), o Tapirapé, também conhecido como Apyãwa (Praça 2001, 2007), o Kamaiurá (Seki 2001), o Nheengatú (Cruz 2011) e o Parintintin (Betts 1969).

## CAPÍTULO 2

### Características essenciais da língua Guajá

Antes de entrarmos nos detalhes da estrutura morfossintática objeto dessa dissertação, faz-se necessário apresentar características essenciais da língua Guajá que permitirão que a questão aqui analisada seja mais bem compreendida.

O Guajá, assim como as outras línguas da família Tupí-Guaraní, possui algumas classes lexicais que se caracterizam por funcionarem primariamente como predicado. Na próxima seção, veremos as principais classes de palavras existentes na língua e como elas se comportam morfológica e sintaticamente.

#### 2.1. Classes de palavras e suas características morfológicas e sintáticas

O Guajá possui as seguintes classes de palavras: 1) palavras lexicais: verbos, nomes e advérbios, 2) palavras gramaticais: pronomes, posposições e partículas.

Nesta seção apresentaremos primeiramente as características que permitem distinguir nomes de verbos e, posteriormente, uma definição do que consideramos “expressões adverbiais” e suas características. Daremos foco às classes lexicais neste estudo por serem mais relevantes para o fenômeno aqui analisado.

No que se refere aos nomes e verbos, assim como em muitas outras línguas da família do Tupí-Guaraní, verifica-se que em Guajá tanto os aqueles (ex. 1) como estes (ex. 2) podem funcionar primariamente como predicado, isto é, não precisam receber qualquer marca morfológica para que ocorram como predicado, conforme ilustrado a seguir.

Nome com função de predicado existencial (1a) e predicado equativo/inclusivo (1b):

(1a) *ha = r-a'y*

1SG.II = LK-filho

‘eu tenho filho’ (Lit: ‘existe meu filho/existe filho em relação a mim’) (Magalhães e Mattos, 2014: 253)

(1b) *ha = r-a'yr-a          nijã*

1SG.II = LK-filho-RFR    você

‘você é meu filho’ (Magalhães 2002, dado de campo não publicado)

Verbo com função de predicado:

(2) *a-kere*

1SG.I-dormir

‘eu dormi’ (Magalhães e Mattos, 2014: 253)

Mesmo assim, é possível tratar nomes e verbos como duas classes de palavras distintas por possuírem características morfológicas específicas de cada classe, como descrevem Magalhães e Mattos (2014). Os nomes têm características próprias, tais como:

- admitem flexão com o sufixo nominal referenciante  $-a^3$  (exs. 4, 5 e 6);
- ocorrem com o sufixo casual locativo *-pe* (ex. 3);
- recebem os sufixos de atualização nominal *-ker* e *-rỹm* (ex. 4 e 5, respectivamente); e
- ocorrem com o sufixo coletivizador *-ker* (ex. 6).

(3) *a-jku*            *ta*        *ha = r-ipa-pe*

1SG.I-ficar        FUT     1SG.II = LK-casa-LOC

‘vou ficar na minha casa’ (Magalhães e Mattos, 2014: 255)

(4) *t-ipa-ker-a*

HUM-casa-RETR-RFR

‘(isto) é uma casa abandonada (ou destruída)’ (Magalhães e Mattos, 2014: 255)

(5) *t-ipa-rỹm-a*

HUM-casa-PROSP-RFR

‘(isto) é uma casa projetada (ou em construção)’ (Magalhães e Mattos, 2014: 255)

(6) *awa*     $\emptyset$ -*warihã-ker-a*        *i-mymyr-a*     $\emptyset$ -*pyhy*        *wỹ*

---

<sup>3</sup> O sufixo referenciante  $-a$ , de acordo com Queixalós (2006), ocorre nas línguas da família Tupí-Guaraní com a função de permitir uma expressão que não pode referir por si só, por funcionar primariamente como predicado, passe a constituir uma expressão capaz de referir. Essa interpretação do sufixo está diretamente relacionada à hipótese do autor de que as línguas da família são descendentes de uma língua ancestral omnipredicativa, uma vez que apresentam diversos traços desse tipo de língua, entre eles, esse morfema, inexplicável de outra maneira. Mais detalhes sobre essa hipótese são apresentados na seção 2.3.

Guajá LK-macho-COL-RFR LK-filho-RFR 3.I-pegar PLU  
 ‘a homenzarada pegou seus filhos’ (Magalhães e Mattos, 2014: 255)

Os verbos, além de não admitirem flexão com os sufixos acima apresentados, também têm características próprias, como:

- podem receber os diferentes morfemas nominalizadores existentes na língua, como: *-ahar*<sup>4</sup>, nominalizador de agente de verbo transitivo (ex. 7); *-ipy*, nominalizador de paciente sem expressão do agente (ex. 8); *imi-*, nominalizador de paciente com agente expresso (ex. 9), *-aha*, nominalizador de circunstância/lugar (ex. 10); ;
- podem ser causativizados por meio dos diferentes morfemas causativos: *mi-*, causativo direto (ex. 11) e *-ka*, causativo indireto (ex. 12).

(7) *a'e i-pyhyk-ahar-a*  
 DEM 3.II-pegar-NMLZ-RFR  
 ‘ele é o pegador (dele)’ (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

(8) *arapaha Ø-ika-pyr-y'ÿm-a a-ika-ta*  
 veado LK-matar-NMLZ-NEG-RFR 1SG.I-matar-FUT  
 ‘eu vou matar o veado que não foi morto’ (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

(9) *ha=n-imi-'u-a*  
 1SG.II=LK-NMLZ-comer-RFR  
 ‘minha comida’ (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

(10) *a-nũ wari Ø-jãn-aha-Ø*  
 1SG.I-ouvir guariba LK-cantar-NMLZ-RFR  
 ‘eu ouvi o canto do guariba’ (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

(11) *Hosana-Ø Amÿxa'ate-a Ø-mi-juhu 'y-pe*  
 N.PR.-RFR N.PR.-RFR 3.I-CAUS-banhar.se rio-LOC

<sup>4</sup> 3 Esse sufixo nominalizador ocorre apenas com temas verbais transitivos e com complementos locativos, mas não com nomes (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

‘Rosana banhou Amỹxa’atea no rio’ (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

- (12) *jaha*    *’y-a*                    *a-’u-ka*                    *karai*    *i-we-ma’a-ke*                    *Ø-pe*  
eu            água-RFR            1SG.I-ingerir-CAUS    não.índio 3.II-ter.sede-NMLZ-RETR LK-DAT  
‘eu fiz o não índio sedento ingerir água’ (Magalhães e Mattos, 2014: 256)

Sendo assim, mesmo que haja entre nomes e verbos a comum função predicativa, há evidências morfológicas suficientes que comprovam o comportamento distintos dessas classes lexicais na língua.

Além das especificidades morfológicas, os verbos e nomes também têm um comportamento sintático distinto pelo fato de os verbos precisarem ser nominalizados para funcionarem como argumento (ex. 15), enquanto os nomes funcionam primariamente como tal, bastando apenas que ocorram com o sufixo referenciante *-a* (ex. 16):

Verbo com função de predicado:

- (13) *pape-a*                    *a-japo*  
papel-RFR            1SG.I-fazer  
‘eu fiz o papel (documento)’ (Magalhães e Mattos 2014: 253)

Nome com função de predicado:

- (14) *ha = r-a’y*  
1SG.II = LK-filho  
‘eu tenho filho’ (Magalhães e Mattos 2014: 253)

Verbo nominalizado com função de argumento:

- (15) *pape Ø-japo-har-a*                    *i-muku*  
papel LK-fazer-NMLZ-RFR    3.II-ser.alto  
‘a professora (fazedora de papel) é alta’ (dado fornecido por Magalhães)

Nome com função de argumento:

- (16) *ha = r-a’yr-a*                    *i-muku*  
1SG.II = LK-filho-RFR 3.II-ser.alto  
‘meu filho é alto (longo)’ (dado fornecido por Magalhães)

Com relação às expressões adverbiais, tratadas aqui como um grupo homogêneo, elas incluem a classe lexical dos advérbios (ex. 17), além de sintagmas posposicionais (ex. 18) e nomes flexionados com o sufixo locativo *-pe* (ex. 19):

(17) *a-kere*            *awa*    ***kwatete***  
 1SG.I-dormir    CTP    perto  
 ‘dormi (vindo) pertinho’ (Magalhães 2007:38)

(18) *jaha*    *mÿk-a*            *a-myty*            ***wira***    ***r-ia***  
 eu    manga-RFR    1SG.I-puxar    árvore    LK-ABL  
 ‘Eu puxei a manga da árvore’ (Magalhães e Mattos 2014: 272)

(19) *tapi'i*    ***ka'a-pe***  
 anta    mato-LOC  
 ‘Há anta no mato’ (Lit.: (Existe) anta no mato) (Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 49)

Tais expressões adverbiais, em geral, são apresentadas na estrutura da língua como termos periféricos ao núcleo oracional, isto é, adjuntos. Por isso, aparecem mais comumente em uma posição final com relação ao núcleo do predicado principal, ou seja, mais à direita. Ainda assim, por se caracterizarem como adjuntos, possuem maior liberdade de posição dentro da sentença.

Justifica-se o tratamento deste conjunto de expressões como um grupo coeso por apresentarem uma característica importante da língua, que é a de que as expressões adverbiais, assim como verbos e nomes, funcionam primariamente como predicado (ex. 20), isto é, elas predicam sem a necessidade de se combinarem com qualquer tipo de morfema derivacional ou cópula. Além disso, precisam ser nominalizadas para funcionar como argumento (ex. 21):

Expressão adverbial com função de predicado:

(20) *tapi'ir-a*            ***ka'a-pe***  
 anta-RFR            mato-LOC  
 ‘A anta está no mato’ (Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 53)

Expressão adverbial nominalizada com função de argumento:

(21) ***ka'a-p-ahar-a***            *Ø-wyhy*

mata-LOC-NMLZ-RFR 3.I-correr

‘A que é da mata correu’

O exemplo (20) acima ilustra uma expressão adverbial como núcleo de um predicado adverbial locativo independente, que tem como argumento o nome *tapi'ira* ‘anta’. No entanto, mesmo quando adjunta a um outro predicado principal, seja ele verbal (como em 17 e 18) ou nominal (como em 19), entendemos que a expressão adverbial deve ser considerada nesta língua um predicado, não apenas pelas razões apresentadas acima (de que elas predicam primariamente, a menos que sejam nominalizadas), mas também devido a essa ser uma característica das línguas omnipredicativas, tipologia a qual defendemos que o Guajá pertence e que será melhor detalhada na seção 2.3.2.

Além das classes lexicais, a classe das partículas é também importante para o presente estudo pelo fato de algumas das partículas ativarem a construção que analisamos aqui.

De acordo com Magalhães (2007: 72), as partículas formam uma classe fechada de elementos tônicos, não flexionáveis, que podem se associar a diferentes tipos de constituintes e que, diferentemente das palavras lexicais, operam como palavras funcionais. Em geral, ocupam posições fixas na oração ou com relação a membros da oração. As partículas comportam-se fonologicamente como palavras independentes, mas permitem a presença de outras palavras independentes entre elas e o constituinte a que se associam.

Algumas das partículas de posição inicial fixa ativam a construção que descreveremos mais à frente. São elas:

a) Partícula mostrativa *kwa*

A partícula mostrativa *kwa* ocorre em orações que indicam a localização de um referente em relação ao falante. Essas orações são acompanhadas, geralmente, de gestos do falante que apontam a direção do referente (como um movimento dos lábios, formando um ‘bico’).

Essa partícula antecede verbos (ex. 22), nomes (ex. 23) ou demonstrativos que estejam funcionando como núcleo de um sintagma nominal e vem sempre acompanhada por um demonstrativo espacial que indica a sua distância (ex. 24) (Magalhães 2007: 75).

(22) *kwa*            *a-jku*            *ko*    *jaha*  
MOSTR            1SG.I-ficar    aqui    eu  
‘eu estou aqui!’ (Magalhães 2007: 76)



<i>mõ ... minawỹ</i>	‘qual dos/das’
<i>mõ ... mõa</i>	‘qual’
<i>mõ ... mõ</i>	‘cadê/onde’

Tabela 1: estrutura de informação com a partícula *mõ* (Magalhães, 2007: 79)

(27) *mõ po-hó tá mĩ-pe*  
 INT 2PL.I-ir PROJ para.onde  
 ‘Para onde vocês vão?’

(28) *mõ irami ỹ Ø-xu ’ú-ni mĩ-pe*  
 INT jararaca 3.II-morder-SUB onde  
 ‘Onde a cobra o mordeu?’

## 2.2. A noção de valência associada às distintas classes de palavras

Considerando que o conceito de valência (Gilbert 1994: 4878) tem sido utilizado na análise linguística desde Tesnière (1959) e, mais recentemente, foi estendido a outras palavras lexicais (Sommerfeldt & Schreiber 1996, entre outros) e, considerando ainda, como explicado acima, que em línguas da família Tupí-Guaraní, verbos, nomes e expressões adverbiais podem funcionar como predicados sem morfologia derivacional ou cópula (Cruz, Magalhães & Praça 2019), para tratar das classes de palavras predicativas do Guajá adotaremos a noção de valência, entendendo-a como o número de argumentos que um núcleo lexical admite, podendo ser ele classificado como divalente e monovalente. Nas próximas subseções apresentaremos mais informações sobre a valência dos verbos, dos nomes e dos distintos tipos de expressões adverbiais que ocorrem na língua, assunto básico para a compreensão do tema foco desta pesquisa.

Para melhor entender essas classes de palavras, é importante apresentar as duas séries de marcadores pessoais que ocorrem na língua.

O paradigma de marcadores da série I é formado por prefixos pessoais que ocorrem exclusivamente com verbos (ex. 29 e 30), expressando seu argumento com função semântica de agente e o da série II é formado por pronomes clíticos, relacionados ao núcleo do predicado por meio de um prefixo (LK) que marca a adjacência entre o núcleo e seu dependente, e expressa o argumento com papel de paciente de predicados verbais (ex. 31 e 32), o possuidor de nomes

possuíveis (ex. 33) e o objeto de posposições (ex. 34), sendo, portanto, um paradigma de marcas pessoais transcategorial. Há, ainda, conforme Magalhães e Mattos (2014) uma cisão da intransitividade formalmente expressa pelo uso exclusivo da série I em verbos intransitivos eventivos e uso exclusivo da série II em verbos intransitivos estativos. No caso da série I, a marca de terceira pessoa, diferentemente das demais, em vez de ser um clítico, é um prefixo. Veja-se na seguinte tabela:

Série I		Série II	
a-	1SG	ha=	1SG
ari-	2SG	ni=	2SG
Ø- ~ o- ~ u- ~ i-	3	i- ~ h- ~ ha-	3
xi-	1 PL. INCL.	are=	1PL
ari-	2 PL. EXCL.		
pi-	2PL	pĩ=	2PL

Tabela 2: os marcadores de pessoa das séries I e II (Magalhães e Mattos, 2014)

Verbo divalente com marca da série I

(29) *a-pyhy*

1SG.I-pegar

‘eu (o) peguei’ (Magalhães e Mattos 2014: 263, 264)

Verbo monovalente eventivo com marca da série I

(30) *a-wyhy*

1SG.I-correr

‘eu corri’ (Magalhães e Mattos 2014: 258)

Verbo divalente com marca da série II

(31) *ha=Ø-pyhy*

1SG.II=LK-pegar

‘(ele/você) me pegou / me pegue!’ (Magalhães e Mattos 2014: 264)

Verbo monovalente estativo com marca da série II

- (32) *ha=r-ahy*  
1SG.II=LK-estar.doente  
'Eu estou doente'

Nome com marca da série II

- (33) *a'e ha =Ø-men-a*  
DEM 1SG.II=LK-marido-RFR  
'esse é meu marido'

Posposição com marca da série II

- (34) *Kamajru-a ha=Ø-pyry*  
Kamajrú-RFR 1SG.II=LK-junto  
'o Kamairú está junto de mim'

No caso de o núcleo ser um verbo transitivo, é permitida apenas a marcação de um dos argumentos por meio de uma das séries. Essa marcação de pessoa dependerá de uma hierarquia referencial que tem a seguinte ordem em termos de pessoa: 1 = 2 > 3. Isso quer dizer que nas orações em que aparecem dois argumentos, as primeiras e segundas pessoas são hierarquicamente superiores ao argumento de terceira pessoa, sendo elas as marcadas no verbo.

Caso ambos sejam de terceira pessoa, como não se aplica uma hierarquia de pessoa, a marcação no núcleo do predicado será sempre a do participante que tiver papel semântico de “agente”, conforme ilustrado abaixo:

- (35) *majhu-a arapaha-Ø Ø-mukũ*  
jiboia-RFR veado-RFR 3.I-engolir  
'a jiboia engoliu o veado' (Magalhães e Mattos 2014: 254)

Já nas orações em que os dois argumentos são de 1ª e 2ª pessoa, será expresso no verbo o participante que exerce a função de “paciente”, independentemente da pessoa, como é possível se verificar abaixo:

- (36) *nijã ha = r-ixa*

você 1SG.II=LK-ver  
'você me viu' (Magalhães 2007: 50)

(37) *jaha ni = r-ixa*  
eu 2SG.II= LK-ver  
'eu te vi' (Magalhães 2007: 50)

### 2.2.1. Valência verbal

Os verbos da língua Guajá podem ser classificados como divalentes ou monovalentes, conforme o número de argumentos que admitem.

Os verbos divalentes (ou transitivos) admitem dois argumentos, um com função de agente (que, a partir de agora denominaremos de argumento externo) e outro com função de paciente (que, a partir de agora, denominaremos de argumento interno). O núcleo verbal permite a marcação de apenas um dos argumentos por meio dos marcadores da série I (ex. 38) e da série II (ex. 39), a depender da hierarquia referencial.

Expressão do 'agente' nos predicados verbais divalentes: série I

(38) *∅-pyhy*  
3.I-pegar  
'(ele) (o/a) pegou' (Magalhães e Mattos, 2014: 263)

Expressão do 'paciente' nos predicados verbais divalentes: série II

(39) *ha=∅-pyhy*  
1SG.II=LK-pegar  
'(ele) me pegou' (Magalhães e Mattos, 2014: 263)

Os verbos monovalentes (ou intransitivos), no entanto, apenas admitem um argumento, podendo ele ser externo ou interno. Em verbos monovalentes que ocorrem com um argumento externo, a marca de pessoa será expressa no verbo por meio dos prefixos da série I. Vejamos:

(40) *jawar-a ∅-kere*  
cachorro-RFR 3.I-dormir  
'o cachorro dormiu' (Magalhães e Mattos, 2014: 259)

- (41) *a-kere*            *mixik-a'ĩ-ta*            *jaha*  
 1SG.I-dormir   pouco-ATEN-FUT   eu  
 'eu vou dormir um pouquinho' (Magalhães e Mattos, 2014: 259)

Em verbos que ocorrem com apenas um argumento interno, a marca de pessoa será expressa pela série II por meio do prefixo de terceira pessoa (ex. 42) ou dos pronomes pessoais clíticos de 1ª e 2ª pessoas (ex. 43) que integram a série II de marcadores pessoais, associados ao núcleo verbal por meio da marca de adjacência (LK):

- (42) *Majakatỹ-a*            *h-ahy*  
 Majakatỹ-RFR            3.II-estar.doente  
 'Majakatỹa está doente' (Magalhães e Mattos, 2014: 259)

- (43) *ha=r-ahy*                            *jaha*  
 1SG.II=LK-estar.doente            eu  
 'eu estou doente' (Magalhães e Mattos, 2014: 260)

Além dessas subdivisões, é possível ainda subdividir a classe dos verbos com base na sua semântica, podendo eles ser eventivos (ex. 44 e 45) ou estativos (ex. 46 e 47).

- (44) *jawaruhu-a*     $\emptyset$ -*wyhy*            *aha*  
 onça-RFR            3.I-correr            CTF  
 'a onça correu (se afastando)' (Magalhães e Mattos, 2014: 260)

- (45) *awa 'yr-a*            *tatu-a*             $\emptyset$ -*xa*  
 criança-RFR    tatu- RFR            3.I-ver  
 'a criança viu o tatu' (Magalhães e Mattos, 2014: 260)

- (46) *i-mymyr-a*                            *i-kira*  
 3.II-filho- RFR            3.II-ser.gordo  
 'o filho dela é gordo' (Magalhães e Mattos, 2014: 260)

- (47) *Awa-wahy-a*                    *i-pa'aruhu*  
mulher-Guajá- RFR    3.II-estar.grávida  
'A mulher Guajá está grávida' (Magalhães e Mattos, 2014: 260)

Magalhães e Mattos (2014) explicam a diferença entre essas subclasses:

As duas subclasses verbais diferenciam-se morfológica e semanticamente pelas seguintes propriedades: os verbos eventivos podem ser monovalentes ou divalentes (uma vez que todos os verbos transitivos estão incluídos nesta classe), expressam a categoria de pessoa por meio de marcadores pessoais da série I, no caso dos monovalentes, e também por meio da série II, no caso dos divalentes, e caracterizam-se semanticamente (pensando-se na escala de estabilidade temporal proposta por Givón (2001:54) por exprimir fenômenos que denotam mudanças rápidas no estado, condição ou locação espacial de alguma entidade codificada como nome ou marca de pessoa. Já os verbos estativos expressam a categoria de pessoa por meio da combinação com os marcadores da série II e exprimem conceitos que abarcam desde as propriedades físicas mais estáveis dos nomes, como tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, cheiro e sabor, até uma grande parte dos fenômenos que denotam estados temporários, como temperatura ou estados de saúde. Estes, por sua vez, são sempre monovalentes.

Com base nessas informações, atesta-se que o Guajá apresenta uma cisão na transitividade dos verbos monovalentes, uma cisão ativo-estativa marcada morfológicamente pelos marcadores pessoais: a série I expressa o argumento externo dos verbos monovalentes eventivos, também usada para marcar o argumento com papel semântico de “agente” dos verbos divalentes, enquanto a série II expressa o argumento interno dos verbos monovalentes estativos, mesma marca do argumento com papel semântico de “paciente” dos verbos divalentes.

### 2.2.2. Valência Nominal

Os nomes, assim como os verbos, também podem selecionar argumentos. Por esse motivo, tem sido cada vez mais adotada a noção de valência também para a classe dos nomes (cf. Sommerfeldt & Schreiber 1996, entre outros), já que existe uma estrutura argumental com relação a um núcleo. Assim, os nomes do Guajá podem ser divalentes ou monovalentes, de acordo com o número de argumentos que admitem.

Os nomes monovalentes são aqueles que, em função de predicado, ocorrem apenas com um argumento externo (ex. 48), enquanto os nomes divalentes são aqueles que, em função de predicado, ocorrem com dois argumentos, um interno e outro externo (ex. 49):

Nome monovalente, com o SN *Wa'amaxĩa* como argumento externo

(48) *Wa'amaxĩ-a Awa-te-a*

N.PR.-RFR Guajá-REAL-RFR

'Wa'amaxĩ-a é Guajá de verdade' (Magalhães e Matos, 2014: 262)

Nome divalente com um argumento interno (*ha-*) e um argumento externo (*Wa'amaxĩa*):

(49) *Wa'amaxĩ-a ha-miriko-a*

N.PR.-RFR 3.II-esposa-RFR

'Wa'amaxĩ-a é a esposa dele' (Magalhães e Matos, 2014: 262)

Nome divalente com um SN como argumento interno (*Xiparẽxa'a*) e um argumento externo (*Wa'amaxĩa*):

(50) *Wa'amaxĩ-a Xiparẽxa'a r-imiriko-a*

N.PR.-RFR N.PR. LK-esposa-RFR

'Wa'amaxĩ-a é a esposa de Xiparẽxa'a' (Magalhães e Matos, 2014: 262)

Nome divalente com um argumento interno (*ha=*) e um argumento externo (*Wa'amaxĩa*):

(51) *Wa'amaxĩ-a ha = r-imiriko-a*

N.PR.-RFR 1SG. II = LK -esposa-RFR

'Wa'amaxĩ-a é a minha esposa' (Magalhães e Matos, 2014: 262)

No exemplo (48), temos um nome, *Awatea* 'Guajá de verdade', que seleciona apenas um argumento externo, *Wa'amaxĩa* – nome próprio –, e tem função predicativa, enquanto nos exemplos (49), (50) e (51) o nome divalente *-imirikoa* 'esposa' requer um argumento externo *Wa'amaxĩa* e outro interno, que pode ser expresso no núcleo nominal por meio de um prefixo de 3ª pessoa (ex. 49) ou, quando o argumento interno é um sintagma nominal, este co-ocorre com uma marca de adjacência intermediando o núcleo e o SN (ex. 50). Vale observar que, no que diz respeito à ocorrência da marca de adjacência (LK), os marcadores da Série II se comportam como SNs, como no exemplo (51). A expressão da pessoa do argumento interno dos nomes se dá por meio da série II de marcadores pessoais.

### 2.2.3. Valência das expressões adverbiais

Assim como nomes e verbos, as expressões adverbiais têm estrutura argumental e podem funcionar primariamente como núcleo do predicado. As expressões adverbiais monovalentes são aquelas que, em função de predicado, admitem apenas um argumento externo, conforme ilustram os exemplos (52) e (53). Estas são formadas por advérbios e por nomes associados ao sufixo locativo *-pe*. Já as expressões adverbiais divalentes são aquelas que, em função de predicado, expressam, além do seu argumento externo, um argumento interno, como ilustrado em (54). Estas são formadas por sintagmas posposicionais.

Expressão adverbial monovalente formada por advérbio:

- (52) *xahu-a*            ***kwatete***  
porcão-RFR    perto  
‘o porcão está perto’ (Magalhães 2018, notas de campo não publicadas)

Expressão adverbial monovalente formada por nome + *-pe*:

- (53) *tapi'ir-a*            ***ka'a-pe***  
anta-RFR            floresta-LOC  
‘a anta está na floresta’ (Magalhães 2007: 16)

Expressão adverbial divalente formada por sintagma posposicional:

- (54) *i-ky-a*            ***i-jakara'a***            ***r-ehe***  
3.II-piolho-RFR    3.II-cabelo            LK-sobre  
‘o piolho está sobre a cabelo dele’ (Magalhães 2018, notas de campo não publicadas)

Nota-se que no exemplo (52) há uma expressão adverbial formada pelo advérbio *kwatete* ‘perto’, que admite um argumento externo em forma de SN: *xahua* ‘porcão’. Em (53), a expressão adverbial formada por um nome atrelado a um sufixo locativo, tem como argumento externo o SN *tapi'ira-* ‘anta’. Já no exemplo (54), há um sintagma posposicional que precisa de dois argumentos, um externo *iky-a* ‘piolho dele’ e um interno *ijakara'a* ‘cabelo dele’.

#### 2.2.4. Valência e expressão de pessoa nas diferentes classes de palavras

Considerando a estrutura argumental de sintagmas verbais, nominais e posposicionais em Guajá e a utilização da noção de valência para descrever a relação de um núcleo lexical com seus argumentos, seguimos aqui a análise de Queixalós (2005) para o Katukina (família Katukina).

O argumento é o de que a série II, que tem sido considerada uma série de marcadores pessoais com vários papéis morfossintáticos distintos - isto é, marcando o objeto de verbos transitivos, o possuidor de nomes, o objeto de posposições (Rodrigues 1996, para o Tupinambá) e, ainda, o sujeito de verbos intransitivos descritivos (Seki 2001, para o Kamaiurá, entre outros), pode ser mais claramente entendida como uma única categoria gramatical que tem a função geral de expressar o argumento interno de qualquer uma dessas classes de palavras predicativas dessas línguas.

A tabela 2 abaixo, retirada de Magalhães e Mattos (2014: 279) e adaptada, ilustra mais sistematicamente essa concepção e resume a função dos marcadores das duas séries dependendo da categoria lexical a que se associam, tendo os marcadores de pessoa da série I como um marcador de agente e os da série II de paciente em termos semânticos:

<b>Categoria lexical</b>	<b>Série I</b>	<b>Série II</b>
<b>Verbo</b>	argumento externo de verbos divalentes	argumento interno
	argumento único, externo, verbos monovalentes eventivos	argumento único, interno, de verbos monovalentes eventivos
<b>Nome</b>		argumento interno de nomes divalentes
<b>Posposição</b>		argumento interno de posposições divalentes

Tabela 2: categorias lexicais e função dos marcadores pessoais (Magalhães e Mattos 2014: 279)

### 2.3. Marcação de pessoa em nominalizações e subordinações

A tabela 2 da seção anterior ilustra a expressão da pessoa na língua Guajá em orações independentes, afirmativas e no modo indicativo. No entanto, é essencial saber que fora desse perfil de sentença, a expressão de pessoa pode ser alterada. Para entendermos melhor essas alterações na marcação de pessoa, descrevemos nas próximas subseções as características das nominalizações e subordinações na língua Guajá, essenciais para analisarmos as sentenças com expressões adverbiais antepostas, foco deste estudo.

#### 2.3.1. Nominalizações

Como dito anteriormente, apenas os nomes podem funcionar primariamente como argumento no Guajá (ex. 55). Já os verbos (ex. 56) e as expressões adverbiais (ex. 57), para exercerem a função de argumento, precisam ser derivados, isto é, nominalizados, conforme se pode verificar nos exemplos abaixo.

nome com função de argumento

- (55) *ha = r-a'yr-a*                       $\emptyset$ -*kere*  
1SG.II = LK-filho-RFR    3.II-dormir  
'meu filho dormiu' (Magalhães e Mattos 2014: 254)

Verbo nominalizado com função de argumento

- (56) *ha =  $\emptyset$ -kere-ha- $\emptyset$*                       *i-muku*  
1SG.II = LK-dormir-NMLZ-RFR              3.II-ser.longo  
'minha dormida é longa' (Magalhães e Mattos 2014: 254)

Expressão adverbial nominalizada com função de argumento

- (57) *'y-p-ahar-a*                       $\emptyset$ -*wehẽ*              *kapo*    *'y*              *r-ia*  
água-LOC-NMLZ-RFR    3.I-sair              DIR    água    LK-de  
'Aquele que é da água saiu da água' (dado fornecido por Magalhães)

De acordo com Rodrigues, Cabral e Corrêa da Silva (2006), na família do Tupí-Guaraní, as nominalizações são bastante produtivas. Na língua mais conservadora, o Tupinambá, existem oito tipos de nominalizações (Rodrigues, 1953 e 2010; Praça & Cruz 2019). No Guajá, a maioria das nominalizações ocorre com sufixos, havendo apenas uma exceção, a mesma reconstruída para o Proto-Tupí-Guaraní e tradicionalmente conhecida por nominalização de objeto

(Rodrigues, Cabral e Corrêa da Silva 2006)<sup>5</sup>. Em termos formais, a raiz verbal que ocorre com os morfemas nominalizadores compartilha com os nomes a característica de poder combinar com as marcas de pessoa da série II. Podemos dizer que quando as nominalizações formam nomes divalentes sempre terão um complemento nominal como seu argumento interno, expresso ou por um SN ou pela série II de marcadores pessoais (Magalhães, Cruz e Praça, a ser publicado, tradução minha)<sup>6</sup>.

Magalhães (2007) descreve os tipos de nominalizações encontradas no Guajá, que são:

a) *-(a)ha* ~ *-a* – nominalizador de circunstância

Acrescenta-se a radicais verbais (divalentes e monovalentes), gerando nomes que exprimem circunstância relacionada à atividade, ao lugar, ao instrumento ou o estado designados pelo tema verbal. Forma nomes com a expressão obrigatória de seu argumento interno, sendo este associado ao núcleo nominal por meio das marcas de adjacência (LK).

(58) *kwa* *Ø-jaky* *Tara'y* *r-ipi* *are= xoho-ika-ha-pe*  
 MOSTR 3.I-mexer Rio.Traíra LK-por 3.II=porcão-matar-NMLZ-LOC  
 ‘mexeram lá pelo rio Traíra, no nosso lugar de matar porcão’ (Magalhães, 2007: 209)

(59) *na'axi* *h-ahy-ha*  
 não.há 3.II-doente-NMLZ  
 ‘não há doença nele

b) *-(a)ha(r)* – nominalizador de agente e pertinência

Acrescenta-se a verbos transitivos (ex. 60) e a complementos locativos formados por posições e advérbios locativos (ex. 61 e 62) sendo obrigatória a referência ao argumento interno do verbo ou da expressão adverbial nominalizados. No primeiro caso, resulta em nomes com papel semântico de agente e, nos demais, em nomes que se caracterizam por indicar a pertinência ao lugar indicado pelo adjunto locativo.

<sup>5</sup> The only nominalizer that occurs under the form of a prefix is reconstructed in the Proto-Tupi-Guarani as *\*mi-* ‘object nominalization’ (Rodrigues, Cabral and Corrêa-da-Silva, 2006)

<sup>6</sup> No original: In the Tupi-Guarani family, nominalizations are very productive – in one of its most conservative languages, Tupinambá, there are eight types of nominalization (Rodrigues, 1953 and 2010; Praça & Cruz 2019). Most nominalizations happen with the use of suffixes, with only one exception<sup>6</sup>. In formal terms, the verbal root that occurs with the suffix here analysed share with nouns the compatibility of being combined with personal markers correlated to the Series II person marker in Guajá. We can say that nominalizations form divalent nouns which always have a nominal complement as their internal argument, expressed by the Series II.

(60) *a'é i-pyhyk-ahar-a*  
 DEM 3.II-pegar-NMZL-RFR  
 'ele é o pegador dele' (Magalhães 2007: 210)

(61) *a'é 'y-p-ahar-a*  
 DEM água-LOC-NMZL-RFR  
 'ele é da água' (Magalhães 2005, notas de campo)

(62) *katu-p-ahár-a*  
 fora-LOC-NMLZ-RFR  
 'morador de fora' (lit. 'aquele que é de fora') (Magalhães 2007: 211)

c) *-imi* – nominalizador de paciente com expressão do agente

Acrescenta-se somente a radicais verbais divalentes formando nomes com papel semântico de paciente. É o único prefixo entre os nominalizadores e ocorre sempre precedido pelo SN ou marcador da série II que exerce a função de agente do verbo eventivo nominalizado.

(63) *ha =n-imi-'ú-a*  
 1SG.II = LK-NMLZ-comer-RFR  
 'minha comida' (lit. 'objeto do meu comer') (Magalhães 2007: 211)

d) *-(i)pyr* – nominalizador de paciente sem expressão do agente

Acrescenta-se somente a radicais divalentes e forma nomes com papel semântico de paciente, mas sem referência ao agente.

(64) *Ø-jũ -pyr-a,*                      *tapi 'ír-a*                      *Ø-manũ*                      *aha*  
 3.II-flechar-NMLZ-RFR                      anta-RFR                      3.II-morrer                      CTF  
 'a que foi flechada, a anta, morreu indo' (Magalhães 2007: 212)

e) *-ma'a* – nominalizador de predicados

Esse sufixo nominaliza tanto predicados que têm verbos monovalentes como núcleo, sejam eles eventivos (65) ou estativos (66), quanto predicados existenciais, que têm nomes

como núcleo (67). Neste caso, a raiz nominalizada nunca ocorre com SN como argumento interno, apenas com as marcas de pessoa da Série II.

Verbos monovalentes como núcleo

(65) *i-’ĩ-’ỹ-ma’a*

3.II-falar-NEG-NMLZ

‘o que não fala/mudo’ (Magalhães 2007:213)

(66) *karai i-wé-ma’á-kér-a*

*’ý-a*

*u-’ú*

não-indígena 3.II-ter.sede-NMLZ-RETR-RFR

água-RFR

3.I-ingerir

‘o não-indígena que estava com sede bebeu água’ (Magalhães 2007:216)

Nomes em predicados existenciais como núcleo

(67) *i-mymy-ma’a*

3.II-filho-NMLZ

‘a que tem filho’ (Magalhães 2007:213)

Apresentados os distintos tipos de nominalizações do Guajá, cabe ressaltar que, em todos os casos, a marca de pessoa utilizada nessas estruturas vai ser sempre a da série II, aquela que expressa o argumento interno dos diferentes tipos de sintagmas.

Além disso, a negação de núcleos lexicais nominalizados (68) ocorre com o sufixo -’ým ~ -’ỹ, o mesmo que se afixa a nomes (69), como abaixo.

(68) *awá-∅ kapijawá ∅-’ú-har-y’ým-a*

Guajá-RFR

capivara

LK-comer-NMLZ-NEG-RFR

‘os Guajá são não-comedores de capivara’ (Magalhães 2007:285)

(69) *kyky-y’ým-a*

sal-NEG-RFR

‘está sem sal’ (Magalhães 2012, dados de campo)

### 2.3.2 Orações subordinadas

A subordinação pode ocorrer por meio de orações que funcionam como sintagmas nominais, isto é, orações formadas por predicados verbais nominalizados que ocupam a posição de sujeito ou objeto na sentença: as orações completivas (ex. 70); ou por meio de orações que funcionam como modificadoras de predicados, as orações adverbiais (ex. 71):

(70) *a-maparã pĩ = Ø -kaxỹ -ha- Ø*  
1.SG.I-gostar 2PL.II = LK-cheirosos-NMLZ-RFR  
'eu gosto que vocês fiquem cheirosos' (Magalhães 2007:262)

(71) *a-jaho tá ha = r-ipá-pe i-kirá nẽ*  
1.SG.I-ir PROJ 1SG.II = LK-casa-LOC 3.II-gordo CONS  
'eu voltarei para a minha casa depois que ele engordar' (Magalhães 2007:29)

De acordo com Magalhães (2007), em Guajá, as orações subordinadas se diferenciam das principais por algumas características: a oração principal marca seus argumentos da mesma maneira que as orações independentes, obedecendo à hierarquia referencial existente na língua (explicada em 2.2), enquanto as subordinadas, além de conter um elemento subordinador, marcam seus argumentos sempre com a série II, sem levar em consideração a hierarquia de pessoa vigente nas orações independentes. Além disso, é possível distinguir a oração subordinada da principal por meio da negação, expressa por meio do mesmo morfema negativo -'ým ~ -'ỹ que se associa a nomes, o que caracteriza as orações subordinadas como construções menos finitas..

(72) *Maninava-Ø i-mymý-kwá- 'y-ma 'a-Ø*  
Marinalva-RFR 3.II-filho-saber-NEG-NMLZ-RFR  
'Marinalva é a que não sabe ter filho' (Magalhães 2007:285)

As orações subordinadas expressam a noção gramatical de pessoa, então, da mesma maneira que as orações independentes expressam seus argumentos com papel semântico de paciente, ou seja, por meio da série II, cuja função sintática é a de expressar os argumentos internos dos verbos, nomes e posições divalentes. Além da oração subordinada adverbial de consecutividade, ilustrada no ex. (71) acima, seguem outros exemplos de subordinação, como

a oração subordinada de finalidade/simultaneidade (ex. 73) e a oração subordinada temporal (ex.74):

Oração subordinada de finalidade/simultaneidade

(73) *a-ju*            *ha-xak-a*  
1SG.I-vir        3.II-ver-FIN  
'vim para vê-lo'

Oração subordinada temporal

(74) *nijã*   *ari-jaho*        *aha*    *ni = n-aka -mehẽ*            *jaha*  
você   2SG.I-ir            CTF    2SG.II = LK-procurar-TEMP    eu  
'você foi embora quando eu te procurei'

Em resumo, o que podemos concluir das duas últimas seções é que tanto as estruturas nominalizadas quanto as subordinadas da língua seguem um padrão ergativo de marcação de pessoa, ou seja, os verbos nominalizados ou subordinados sempre vão expressar seu argumento por meio da série II, a mesma que expressa o argumento paciente (interno) dos verbos divalentes (transitivos).

A ocorrência exclusiva da série II de marcadores pessoais com qualquer tipo de núcleo de predicado subordinado nos leva a concluir que esta série está diretamente relacionada à expressão dos argumentos em estruturas menos finitas.

#### 2.4. A hipótese da omnipredicatividade das línguas Tupí-Guaraní

Nos tópicos anteriores, analisamos como as classes lexicais da língua Guajá se comportam de maneira semelhante no que diz respeito à função primariamente predicativa, mas também apresentam diferenças morfológicas e sintáticas significativas, sendo possível distinguir uma classe de palavra da outra. Mesmo que nessa língua seja possível diferenciar com propriedade as classes lexicais, a função predicativa dessas distintas classes, associada a outras características importantes a serem detalhadas nessa seção, levaram Queixalós (2001, 2006) a propor a hipótese de que as línguas da FTG, que têm comportamento semelhante ao do Guajá nesse aspecto, seriam descendentes de uma proto língua omnipredicativa.

A hipótese de Queixalós (2001, 2006) é a de que as línguas da família Tupí-Guaraní são descendentes de uma língua ancestral em que todas as classes lexicais eram capazes de predicar primariamente. Línguas que têm essa propriedade, além de outras características essenciais

citadas abaixo, podem ser consideradas línguas de tipologia omni-predicativa, termo cunhado por Launey (2004), para descrever o Nahuatl Clássico. Segundo o autor, a característica mais importante da omni-predicatividade é a de que todos os itens lexicais podem ser usados como predicados, exceto as designações (nomes próprios e pronomes), que não predicam por já referirem por si mesmas.

Para que uma língua seja classificada como omni-predicativa, além do fato de que as principais classes de palavras predicam primariamente, outras características devem estar associadas, como lista Launey (2004, apud, Magalhães, Praça e Cruz, 2019):

(b) os argumentos são predicados subordinados (Launey, 1986, 1994; Thompson & Thompson, 1980; Jelinek, 1993); (c) essa subordinação é possível se, e somente se, há uma coindexação entre um argumento no predicado principal e no predicado subordinado (Launey, 2004); (d) a predicabilidade nos nomes comuns é condição para designação, isto é, pode-se utilizar um referente como [*o peixe*]<sub>I</sub> se, e somente se, for previamente admitido que [*isto*]<sub>I</sub> é um peixe; (e) em outras palavras, *mičín*, em Nahuatl, não significa ‘peixe’, mas ‘ser peixe’, e um sintagma como «in mičín» (demonstrativo peixe), deve ser traduzido como ‘aquele que é peixe’ (Launey, 2004, p. 54, tradução de Praça, Magalhães e da Cruz, 2019))<sup>7</sup>.

Levando em consideração a definição de Launey, a hipótese de Queixalós citada acima e a análise de Praça, Magalhães e da Cruz (2017), que compararam quatro línguas da FTG – Tupinambá, Apyãwa, Guajá e Nheengatú –, é possível concluir que essas línguas, por serem derivadas de uma proto-língua omni-predicativa comum, possuem diferentes graus de degradação com relação à sua língua ancestral, o que representa uma maior proximidade ou afastamento das características omni-predicativas.

As autoras consideram que as propriedades omni-predicativas essenciais foram mantidas em Tupinambá e, de acordo com Praça (2007), também permanecem em Apyãwa. Já os dados do Guajá nos permitem classificá-lo como uma língua que vem perdendo de forma gradual suas características omni-predicativas. O Nheengatú avançou mais que as outras línguas na perda das características omni-predicativas e atualmente pode ser melhor classificado como uma língua não-omni-predicativa (Magalhães, Praça e Cruz, 2019).

---

<sup>7</sup> No original, (b) Argument phrases are subordinate predicates, which designate an entity, in other words, describe the referential value of a term; (c) This subordination is possible if and only if there is a coindexation between an argument place in the main predicate and in the subordinate predicate; (d) It appears thus that predicability is a condition for designation: you can refer to an entity as the fish if and only if it is previously admitted that it is a fish; (e) In other words, the correct translation of a noun like *mičín* is not fish, but be fish, and a phrase like *in mičín* should be glossed like the one who is fish.

Apesar de, como afirmado acima, o Guajá apresentar características omnipredicativas importantes, como a capacidade de verbos, nomes e expressões adverbiais predicarem primariamente sem a necessidade de uma mudança morfológica em suas raízes, ainda que as classes lexicais aqui sejam facilmente identificáveis, a língua vem perdendo, gradativamente, características omnipredicativas, conforme explicado em Magalhães, Praça e Cruz (2019), quando o comparamos com outras línguas da família, mais conservadoras no que diz respeito a essa propriedade.

Para melhor elucidar essa diferença, podemos comparar alguns exemplos da capacidade predicativa e argumentativa das diferentes classes lexicais entre as línguas analisadas no citado estudo. O Tupinambá e o Apyãwa, línguas consideradas mais conservadoras com relação à omnipredicatividade, possuem nomes e verbos que funcionam indistintamente como argumento ou como predicado. Vejamos alguns exemplos:

Nome como predicado

- (75) **xe=Ø-kypy'yr**      h<sub>i</sub>-er-a      iona'i-Ø<sub>i</sub>      (Ap)  
 1SG.II=LK-irmã      3.II-nome-RFR Iona'i-RFR  
 'Eu tenho irmã, o nome dela é Iona'i.' (lit.: '(Existe) minha irmã, o nome dela é Iona'i.')  
 (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

- (76) pajé-Ø<sub>i</sub>      **ii-posáŋ**      (Tb)  
 pajé-RFR      3.II-remédio  
 O pajé tem remédio.' (Lit.: 'Pajé, o remédio dele (existe))' (Rodrigues, 2001, p. 111; tradução nossa) (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

Verbo como predicado

- (77) ka'i-Ø      **a-xe'eg**      a-ka-wo      'ywyra-Ø      r-e      (Ap)  
 macaco-RFR      3.I-falar      3.III-estar-GER árvore-RFR      LK-em.cima  
 'Os macacos estão falando na árvore.' (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)
- (78) **a-iur**      ok-a      Sui      (Tb)  
 1SG.I-vir      casa-RFR      de  
 'Venho de casa.' (Anchieta, 1990 [1595], p. 40) (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

Nome como argumento

- (79) *xe=Ø-kypy'yr-ai*      *ai-xaj'a*      *h-a-re*      (Ap)  
1SG.II=LK-irmã-RFR    3.I-chorar      3.II-ir-depois  
'Minha irmã chorou depois de ir.' (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

- (80) *pajé-Øi*      *m-osáng-aii*      *oi-jii-kuáβ*      (Tb)  
pajé-RFR      INDF-remédio-RFR    3.I-3.II-saber  
'O pajé conhece remédio.' (Rodrigues, 2001, p. 110; análise nossa) (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

Verbo como argumento

- (81) *xe=Ø-xe'eg-ai*      *Mĩ*      *i-i-ãrõãrõ*      (Ap)  
1SG.II=LK-falar-RFR    HAB    3.II-ser.bonito  
'Minha fala é sempre bonita.' (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

- (82) *sjé=Ø-maʔenwár*      *ne=r-úr-a*      *r-esé*      (Tb)  
1SG.II=LK-lembrar    2SG.II-LK-vir-RFR    LK-sobre  
'Lembro-me da sua vinda.' (Figueira (1921 [1687]), p. 157; análise nossa) (Praça, Magalhães e Cruz 2019: 4)

Já no Guajá (e também no Nheengatú), nomes e verbos podem funcionar como predicado sem precisar de cópula, mas, para funcionar como argumento, como já vimos anteriormente, os verbos precisam ser nominalizados (ex. 56, repetido aqui como 83).

- (83) *ha = Ø-kere-ha-Ø*      *i-muku*      (Gj)  
1SG.II = LK-dormir-NMZR-RFR      3.II-ser.longo  
'minha dormida é longa' (Praça, Magalhães e da Cruz, 2017: 47)

Isso significa que, ainda que a função predicativa seja primária tanto para verbos quanto para nomes, quando funcionam como argumento as duas classes apresentam essa distinção, o que demonstra um afastamento da característica omnipredicativa de ter verbos e nomes com a mesma predisposição de acessar ambas as funções.

Em Guajá, como vimos anteriormente, as expressões adverbiais também predicam e precisam ser nominalizadas para funcionarem como argumento, o que coloca essa classe no

mesmo patamar que os verbos no que se refere ao acesso à função argumentativa.

expressão adverbial nominalizada com função de argumento

- (84) *ka 'a-p-ahar-a*       $\emptyset$ -*wyhy*  
mata-LOC-NMZR-RFR 3.I-correr  
'A que é da mata correu'

Outras características que evidenciam o desgaste da omni-argumentatividade da língua Guajá são, de acordo com Magalhães, Praça e Cruz (2019), os processos gradativos de perda dos argumentos como predicados subordinados e da expressão da série II como marca transcategorial, além da ausência de coindexação entre orações principal e subordinadas e da presença de apenas vestígios de um mesmo comportamento das classes de palavras em funções derivadas. A descrição e análise de cada uma dessas características é apresentada detalhadamente no trabalho acima citado. Não detalharemos tais características nesse estudo, por entendermos não serem essenciais para o tema em foco.

O que é importante ressaltar aqui é que o fenômeno investigado neste estudo contribui com a hipótese das autoras de que o Guajá vem perdendo suas características omni-argumentativas, ao explicar que a anteposição das expressões adverbiais e a consequente alteração na forma do predicado verbal é uma importante ilustração da propriedade omni-argumentativa dessas línguas que está desaparecendo do Guajá, conforme veremos com mais detalhes nas próximas seções.

No entanto, antes disso, é necessário esclarecermos outra importante característica das línguas omni-argumentativas, essencial para a análise desse fenômeno: a interpretação de que esse tipo de língua organiza as informações em termos de sentenças téticas e não categóricas.

## 2.5. Construções téticas e hierarquia de predicados

As línguas consideradas omni-argumentativas expressam toda a informação principal no núcleo do predicado, tanto o predicado em si como seus argumentos – por meio das marcas de pessoa –, sendo o restante adjunto. Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que as línguas de tipologia omni-argumentativa tendem a organizar suas informações por meio de construções téticas.

Cassiellles e Progovac (2012) resgatam o conceito de construções téticas citando os autores que primeiro o propuseram: o filósofo Franz Brentano, no século XIX, primeiro a tratar dessa definição, e seu aluno Anton Marty (1918), que escreveu sobre o tema. Kuroda (1972) e Sasse (1987) também descrevem esse tipo de construção posteriormente.

A noção trazida por Marty (1918) é explicada a partir da contraposição entre estruturas categoriais e construções téticas. O autor explica que as estruturas categoriais são aquelas que podem ser divididas em duas, o que ele chama de *double judgement*, cuja definição se dá pelo envolvimento de dois atos sucessivos – a escolha de uma entidade e o que se pode dizer sobre ela, o que é traduzido para o que conhecemos comumente, na sintaxe, como sujeito e predicado.<sup>8</sup> Cassiellles e Progovac (2007: 30) usam o exemplo do alemão pra ilustrar:

(85) *Diese Blume ist blau* (alemão)  
“Esta flor é azul”

Em contraposição a essa estrutura de duplo julgamento, existem as construções téticas, ou *simple judgments*, sendo aquelas em que a sentença inteira é a informação mais importante, não havendo divisão entre entidade e o que se diz sobre ela. Uma construção tética não leva em consideração as consequências sintáticas da estrutura informacional tema/rema - ou seja, tudo está no rema, não havendo tema. Trataremos mais à frente dessas noções em uma análise pragmática.

Algumas construções podem ser comumente téticas e são encontradas em grande parte das línguas, como aquelas que são impessoais ou existenciais, exemplificadas por Cassiellles e Progovac (2007: 30) no alemão traduzido para o inglês:

(86) *Es regnet* (alemão)  
“It rains” (Chove)

(87) *Gott is* (alemão)  
“God exists” (Existe Deus)

---

<sup>8</sup> No original: “The distinction betweenthetic and categorical statements was first proposed by 19<sup>th</sup> century philosopher Franz Brentano, elaborated by his student Anton Marty, and later revived by Kuroda (1987) and Sasse (1997). According to Marty (1918), categorical judgments (also referred to as double judgment) involve two successive acts (choosing an entity and making a statement about it) and are expressed by the traditional subject-predicate sentence.” (Casielle e Progovac 2004)

- (88) *Es gibt gelbe Blumen* (alemão)  
*"There are yellow flowers"* (Há flores amarelas)

Apesar de construções com verbos existenciais ou impessoais serem comumente téticas, todos os outros tipos de verbos podem figurar nessas construções, a depender da língua. Kuroda (1972), em sua análise para o japonês, mostra que a variação de um elemento morfológico na sentença pode ou não indicar uma construção tética. Vejamos os exemplos:

- (89) *Inu ga hasitte iru*  
*dog running is*  
*"There is a dog running"* (Há um cachorro correndo)

- (90) *Inu wa hasitte iru*  
*"The dog is running"* (O cachorro está correndo)

A sentença em que a partícula *ga* aparece, de acordo com Kuroda (1972), deve ser interpretada como aquela em que a principal informação recai sobre o evento de correr, que envolve uma entidade, no caso o cachorro, e essa estrutura deve ser interpretada como uma construção tética. Já o uso da partícula *wa* se dá quando a interpretação é de que há uma entidade performando uma ação, e nesse caso haveria uma construção categorial.

Além das marcas morfológicas, outras formas podem indicar se uma construção é tética ou categorial a depender da língua. Em línguas de ordem SV, como o português, o espanhol, o sérvio etc., como salienta Sasse (1987), a inversão do sujeito para uma posição pós-verbal pode caracterizar uma construção tética, como em português “Chegaram os convidados”, por exemplo. Já no inglês, no alemão e no polonês, o que vai marcar a construção tética é a entonação da frase e ênfase no sujeito (Sasse 1987, 2006; Lambrecht 1994). Com isso, qualquer tipo de verbo pode fazer parte de uma construção tética, conforme ilustram os exemplos do sérvio (ex. 91 e 92) e do espanhol (ex. 86 e 87) abaixo (Cassielle e Progovac, 2012: 31):

- (91) *Zvoni telefon* (sérvio)  
*rings telephone*  
*"A phone is ringing"* (Há um telefone tocando)

- (92) *Naš telefon zvoní/radi* (sérvio)  
 “Our phone rings/works” (Nosso telefone toca/funciona)
- (93) *Suena el teléfono* (espanhol)  
*sounds the phone*  
 “The phone is ringing” (O telefone está tocando)
- (94) *Nuestro teléfono suena/funciona* (espanhol)  
 “Our phone rings/works” (Nosso telefone toca/funciona)

Os dados acima exemplificam que mudança de posição do sujeito pode transformar uma sentença em uma construção tética. Os exemplos a seguir ilustram essa mesma transformação através de uma mudança tonal, como as construções do inglês (ex. 95) e do polonês (ex. 96):

- (95) *The BUTter melted* (a manteiga derreteu) (inglês)
- (96) *TeLEfon dzwoni* (telefone toca) (polonês)

Embora, como mencionado acima, qualquer tipo de verbo possa ser visto como parte de um evento compacto (em oposição a parte de uma estrutura dupla envolvendo um sujeito e um predicado), certos tipos de verbos predominam nas expressões téticas. Além de sentenças impessoais e existenciais, continuam as autoras, do tipo ilustrado em (97)-(98), as declarações téticas muitas vezes envolvem verbos de apresentação expressando aparência/desaparecimento e outras mudanças físicas, como em (99)-(100)<sup>9</sup>.

- (97) *It is raining* (Está chovendo)
- (98) *There are many flowers* (Há muitas flores)
- (99) *Here comes the mailman* (Aí vem o carteiro)
- (100) *JOHN has disappeared* (Desapareceu o João)

---

<sup>9</sup> No original: “Although, as mentioned above, any type of verb can be viewed as part of a compact event (as opposed to part of a dual structure involving a subject and a predicate), certain types of verbs predominate inthetic expressions. In addition to impersonal and existential sentences of the type in (17)-(18),thetic statements often involve presentation verbs expressing appearance/ disappearance and other physical changes, as in (19)-(20).” Casielles e Progovac (2012)

As construções téticas podem ser associadas às construções típicas de línguas omnipredicativas por serem essas línguas formadas por estruturas sintaticamente mais simples, que envolvem uma “unidade evento/tema”<sup>10</sup> (Casielles e Progovac, 2012: 43), não havendo a divisão da sentença em tópico e comentário/foco (ou tema e rema, nos termos de Mathesius, 1939), como existe nas sentenças categóricas.

Nesse sentido, Launey (2004) explica que, em línguas de tipologia omnipredicativa, os sintagmas que exercem a função de argumentos são, na verdade, predicados subordinados e coindexados à marca de pessoa do predicado principal. Essa característica é associada à propriedade das línguas TG de terem os sintagmas nominais funcionando como adjuntos correferenciais (Queixalós, 2006) que expressam a referência dos argumentos expressos por meio de índices de pessoa. Sendo assim, a estrutura das sentenças dessas línguas é sintaticamente simples, não se podendo separar o comentário do tópico, já que todas as informações se concentram no núcleo do predicado.

Vale ressaltar que Casielles e Progovac (2012) defendem a hipótese de que as construções téticas devem ser interpretadas como “fósseis” proto-sintáticos, isto é, como um ponto de partida que deriva, a partir dele, novas estruturas que permitem a evolução da sintaxe.

Voltando às línguas omnipredicativas, Launey (2004) esclarece que, se nessas línguas todas as principais classes de palavras predicam primariamente, quando se tem mais de um predicado na sentença, é necessário que haja uma hierarquia entre os predicados, havendo um que se sobressaia sobre o outro.

É por isso que se interpreta que os predicados que têm como núcleo nomes em sentenças em que há um predicado verbal expressando um evento, são sintagmas que exercem a função de predicados subordinados e coindexados à marca de pessoa do predicado verbal principal. No caso das línguas Tupí-Guaraní, o sufixo referenciante (RFR) marcaria esses nomes cuja função deixa de ser a de núcleo de predicado para, como adjuntos correferenciais que são, tornarem-se capaz de referir, como defende Queixalós (2006).

O mesmo pode ser interpretado no caso de uma sentença ser formada por um predicado verbal e outro adverbial, lembrando que expressões adverbiais podem funcionar primariamente como predicados nas línguas dessa família: o verbo, sendo naturalmente o elemento mais importante da sentença, figura como núcleo do predicado hierarquicamente mais alto, enquanto

---

<sup>10</sup> “We have questioned the assumption that SV (agent-action) structures are basic and primary and have shown that thetic VS unaccusative structures, involving an event/theme unit, are better candidates for simple, primary proto-syntactic “fossils.” We have shown that thetic unaccusative structures are simpler syntactically, prosodically, semantically and informationally [...]” Casielles e Progovac (2012).

o predicado adverbial, que traz informações complementares e periféricas, figura como predicado hierarquicamente inferior ao predicado verbal.

Nesse contexto, o exemplo (101) abaixo teria dois predicados, um verbal e um adverbial, sendo naturalmente um superior ao outro, uma vez que deve haver uma hierarquia entre eles, de acordo com Launey (2004). Nesta sentença, o predicado principal, ou dominante, é o predicado verbal *o-ho* <3.I-ir> ‘(ele) foi embora’, seguido pelo predicado secundário, opcional e hierarquicamente inferior, cujo núcleo é uma expressão adverbial *terẽ Ø-pepe* <trem LK-dentro> ‘de trem’:

(101) (*Kamairu-a*) *o-ho terẽ Ø-pepe*

Kamairu-RFR 3.I-ir trem LK-dentro

‘Kamairua foi embora de trem’ (dado fornecido por Magalhães)

Assim, uma interpretação literal dessa sentença seria ‘Kamairua foi embora estando em um trem’. Assim, a partir dessa interpretação, defendemos, que a sentença acima trata-se de uma construção tética em que o SN *kamairu-a* é um adjunto correferencial ao argumento *o-* (3.I) expresso no núcleo do predicado verbal, formada por dois predicados, o verbal e o adverbial (posposicional), sendo o primeiro naturalmente mais saliente em termos hierárquicos.

Levando em consideração essa análise, a próxima seção discorrerá sobre o efeito sintático resultante da alteração na ordem entre os predicados verbal e adverbial na sentença, quando o predicado adverbial figura como informação mais importante da sentença ao preceder a informação expressa pelo verbo.

## CAPÍTULO 3

### A estrutura das sentenças com sintagmas adverbiais antepostos

Neste capítulo apresentaremos um histórico das análises já realizadas sobre as construções com sintagma adverbiais antepostos na família Tupí-Guaraní e descreveremos as particularidades de sua manifestação na língua Guajá.

#### 3.1. Histórico de análises dessa estrutura

A análise estrutural do fenômeno aqui em foco já foi apresentada por diferentes autores para algumas línguas da família Tupí-Guaraní. Rodrigues (1953:126), Almeida *et al.* (1983:34), Vieira & Leite (1998:29), Rodrigues (2001:88) descreveram o fenômeno como “modo indicativo II” e Rodrigues (1981), Jensen (1990:105), Praça (2000:560), Seki (2000:131) como “modo circunstancial”. Enfocaremos aqui as análises de Rodrigues (1953), Seki (2000) e Praça (2000).

O modo indicativo II é definido por Rodrigues (1953:126) como uma forma onomástica do verbo, ou seja, mais nominal e menos finita, tomando o Tupinambá como referência. Rodrigues (2010: 38) ainda afirma que “o indicativo II ocorre em orações cujo predicado é antecedido por um complemento circunstancial (tempo, lugar, modo etc.)”, e que só ocorre quando o sujeito do verbo é de primeira ou terceira pessoa, conforme ilustram os dados a seguir.

(102) *kwese xe-so-û* (Tb)

ontem 1SG.II-ir-NMLZ

‘ontem eu fui’ (Rodrigues 1953:132; apud Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 40)

(103) *kwese i-so-û* (Tb)

ontem 3.II-ir-NMLZ

‘Ontem ele foi’ (Rodrigues 1953:132; apud Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 40)

No Tupinambá, quando o argumento interno do verbo no Indicativo II é um SN, a relação de dependência é marcada pela prefixação do prefixo relacional (LK), conforme ilustrado nos exemplos abaixo:

(104) *kwesé*            *xé=r-aʔýr-a*            *xé=r-aiýr-a*            *r-epiak-i*            (Tb)  
 Ontem            1SG.II =LK-filho-RFR    1SG.II =LK-filha-RFR            LK-ver-NMLZ

‘ontem meu filho viu minha filha’ (Rodrigues, 1953: 133 apud Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado)

Seki (2000: 131), por sua vez, denomina o mesmo fenômeno como modo circunstancial, analisando o Kamaiurá. Nessa língua, o sufixo *-i ~ -w* (cognato de *-ni* do Guajá) ocorre somente com verbos ativos, nas situações em que o sujeito é de terceira pessoa, e nunca vem expresso por nominal posicionado antes da expressão adverbial.

(105) *ikue rak i-ker -i*            (Km)  
 ontem AT    3-dormir-CIRC

‘ele dormiu ontem’ (Seki 2000:131)

O Kamaiurá se distingue, então, do Tupinambá, já que, nesta língua, o sufixo homônimo correspondente era usado em construções não só com o sujeito de terceira pessoa, mas também com de primeira pessoa e com SN associado à forma verbal

Considerando que esse tipo de construção é identificado em várias línguas da família Tupí-Guaraní e que sua análise foi muitas vezes interpretada como “modo”, Praça, Magalhães e Cruz (2017: 41) questionam a validade do tratamento desse fenômeno desta maneira. Vejamos:

A interpretação desse fenômeno gramatical como uma forma de alteração na categoria de modo carece de base em estudos tipológicos, particularmente nos estudos a respeito das categorias gramaticais de modo e modalidade. Nos estudos gramaticais sobre línguas europeias, particularmente o Latim e as línguas românicas, o termo indicativo é utilizado para contrastar verbos flexionados no modo indicativo daqueles flexionados no modo subjuntivo. Ainda que haja certa discordância a respeito da base semântica do contraste entre indicativo/subjuntivo, há uma certa concordância na literatura especializada em conceber modo como a expressão flexional da modalidade (cf., por exemplo, Bybee, Perkins and Pagliuca 1994; Nordström 2010). Se este é o caso, qual seria a validade para estudos tipológicos de se considerar uma forma nominal do verbo como uma instância de “modo”, como estabelece a definição

proposta por Rodrigues (1953) para o termo “indicativo II?” (Praça, Magalhães e Cruz 2017: 41)

As autoras ainda defendem a hipótese de que as modificações morfológicas em questão podem ser interpretadas como um tipo de nominalização em algumas das línguas analisadas, já que as nominalizações são bastante produtivas nas línguas da FTG, o que não é diferente no Guajá, como vimos na seção 2.2., e apresentam as mesmas características da construção aqui enfocada: apresentam um sufixo associado ao núcleo do predicado e este ocorre associado à marca de pessoa da Série II.

No Apyãwa, tal fenômeno estrutural foi denominado por Praça (2001, 2007) como Indicativo II e descrito como ainda muito produtivo, sendo registrado na fala de jovens e velhos (conforme comunicação pessoal de Praça), apesar de ter seu uso mais restrito que no Tupinambá, uma vez que ocorre somente quando o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos e o determinante do verbo da oração são de 3ª pessoa (Praça, 2001: 169). Assim como no Kamaiurá, no Apyãwa o verbo que toma a forma não finita nunca expressa seu argumento por nominal quando posicionado após a expressão adverbial, mas sempre pelo prefixo de 3ª pessoa da série II *i-*. Os exemplos abaixo ilustram essa construção nessa língua, glosadas por Praça (2001):

(106) *kã'ã-pe*      *i-kwãw-i*      *wetépe*      *miãr-ã*      (Ap)  
mata-LOC      3.II-estar.plural-INDII      muitos      veado-ARG  
'na mata, tem muitos veados' (Praça, 2001: 170)

(107) *Ãxe'i* *rãká* *pãxé-Ø*      *i-pytér-i*      *mãky~wár-ã*      (Ap)  
ontem PERF      pajé-ARG      3.II-chupar-INDII      doente-ARG  
'ontem o pajé chupou o doente' (Praça, 2001: 170)

Já em Parintintim, uma das línguas da FTG também conhecida como uma das variedades do Kawahiva, analisada por Pease e Betts (1971) e Betts, (1969, 1981, 2012), este fenômeno é ainda mais produtivo, ocorrendo por meio da sufixação dos morfema *-i* nos predicados verbais ativos e com as três pessoas do discurso, expressas por uma série específica de marcadores pessoais tipicamente associada a nomes (que corresponde à Série II das demais línguas aqui citadas), sendo encontrado abundantemente nos textos não apenas quando há expressões adverbiais antepostas (ex. 108 e 109), mas também, segundo Betts (1969) quando o predicado

verbal é precedido por “*question words*” (Betts, 1969:9), que sempre estão em primeira posição na sentença (ex. 110), mas que podem ser diacronicamente interpretadas como resultantes da associação de um nome com um morfema locativo ou posposicional<sup>11</sup>.

(108) *Ma r-upi nde r-ur-i ra'e?* (Pt)  
 where LK-through 2SG.NA LK-come-NMLZ already

‘Through where did you come already?’ (Por onde você veio?) (Betts, 1969:47, apud Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado, análise das autoras)

(109) *Ki-ro po ti ga j-apo-i jiki'ia Jire-'ga nehẽ* (Pt)  
 that-with INDEF FUT 3SG.NA LK-make-NMLZ trap Diré-MASC INTENT

‘Now he will make a trap, Diré.’ (Agora ele vai fazer uma armadilha, Diré) (Betts, 1969:35, apud Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado, análise das autoras)

(110) *Ei! Marã ga h-er-eko-i ra'e? e po* (Pt)  
 Ummm! how 3SG.NA LK-COM-be-NMLZ already? say INDEF

‘Ummm! How he is with it already (i.e., how did he do it already?) (Da) said.’ Ummm! Como ele está com isso? (Betts, 1969:35, apud Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado, análise das autoras)

Diferentemente do Kamaiurá e Apyãwa, mas da mesma forma que no Tupinambá, no Parintintim o predicado verbal que recebe o sufixo *-i* pode se associar não apenas a argumentos internos expressos pela marca de pessoa mais nominal (que corresponde à Série II), mas também a SNs que exercem essa mesma função, conforme exemplo a seguir:

(111) *Ae-rẽ po Jirutia r-ur-i raka'e* (Pt)  
 This-after INDEF Jirutia LK-come- NMLZ REM.PASS

<sup>11</sup> De acordo com Betts (1969: 9), “The majority of question words almost always occur with demonstratives, (e.g: garamo, gara rehe, garakatu, marã, maraḡatu, maraname, mome, manamo, mahã, ma pype, ma rupi, ma'ḡa pe, ma'ḡa pohe, ma'ḡa ḡatu pohe) (also occurring with topic comment are: garamo, gara rehe, marã, maraname, maramomi, mome, manamo)”. As in Apyãwa, the vast majority of these words in Parintintin can be diachronically interpreted as resulting from the combination of a name associated with a postposition or a locative morpheme, or as the grammaticalization of an adverbial phrase.”

‘Afterwards the Jirutia came a long time ago’ (Lit.: Depois disso Juritia veio, muito tempo atrás, tradução nossa) (Betts, 1969:39, apud Praça, Magalhães e da Cruz, análise das autoras)

### 3.2. O fenômeno no Guajá

Na língua Guajá, o fenômeno em questão possui algumas especificidades quando comparado com sua manifestação em outras línguas: ocorre não apenas com predicados que têm como núcleo verbos eventivos, mas também com predicados que têm como núcleo verbos estativos. Além disso, segundo Magalhães (comunicação pessoal), apenas os Awa Guajá mais velhos – e não os mais jovens – é que produzem uma construção como essa, fenômeno não descrito ainda em outra língua da família e que evidencia a tendência de perda dessa estrutura. Na fala dos mais velhos, quando o predicado que tem como núcleo uma expressão adverbial se desloca para o início da sentença, há a modificação no que antes era o predicado principal, que passa a receber o sufixo *-ni* ~ *-ri*, associado obrigatoriamente à marca da série II, como vimos na seção anterior. Essa alteração na estrutura morfossintática só ocorre com predicados que têm argumento de terceira pessoa, como no Apyãwa e no Kamaiurá.

Também da mesma forma que o Apyãwa e o Kamaiurá, no Guajá o SN que antecede o predicado verbal subordinado nunca ocorre dentro do sintagma, isto é, o verbo obrigatoriamente expressa seu argumento por meio da série II, mesmo que o SN referente a ele esteja contíguo à forma verbal, conforme exemplos (112, 116, 118 e 119) mais adiante.

Os exemplos a seguir ilustram as construções realizadas na fala dos mais velhos e na dos mais novos em diferentes possibilidades. Chamamos especial atenção para o exemplo (115a), da fala de um Awa Guajá mais velho em que o verbo monovalente ativo *ho* ‘ir’ ocorre, como esperado, com o sufixo subordinador e a marca de pessoa da série II, comparado aos exemplos (115b) e (115c), que explicitam a variação na fala dos mais jovens deixando clara a transição para a perda dessa estrutura: em (115b) a forma verbal ainda ocorre associada ao sufixo subordinador, mas já tem como expressão de pessoa a série I, típica de predicados finitos. Já em (115c), o predicado verbal perdeu tanto o sufixo subordinador quando a expressão da pessoa por meio da série II, típica de predicados menos finitos.

Em predicados eventivos divalentes

(112)	<i>mõ</i>	<i>karai</i>	<i>ka'a</i>	$\emptyset$ - <i>jaky-ni</i>	<i>mĩ-na'a-pe</i>	(mais velhos)
	INT	não.índio	mato	3.II-mexer-SUB	onde-DUB-LOC	

‘onde será que o não-índio está mexendo na mata?’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(113a) *amõmehẽ karai-a are = Ø-ru-ri kyry’y* (mais velhos)  
outro.dia não.índio-RFR 1PL.II = LK-trazer-SUB MUD

‘no outro dia o não-índio nos trouxe’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(113b) *amõmehẽ karai-a are = Ø-ru kyry’y* (mais jovens)  
outro.dia não.índio-RFR 1PL.II = LK-trazer MUD

‘no outro dia o não-índio nos trouxe’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(114) *terẽ Ø-pepe ha-xa-ri* (mais velhos)  
trem LK-dentro 3.II-ver-SUB

‘viu-o dentro do trem’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

Em predicados eventivos monovalentes:

(115a) *mõ i-ho-ta-ni mĩ-pe* (mais velhos)  
INT 3.II-ir-FUT-SUB onde-LOC

‘para onde ele vai?’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(115b) *mõ o-ho-ta-ni mĩ-pe* (mais jovens)  
INT 3.I-ir-FUT-SUB onde-LOC

‘para onde ele vai?’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(115c) *mõ o-ho-ta mĩ-pe* (mais jovens)  
INT 3.I-ir-FUT onde-LOC

‘para onde ele vai?’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(116) *mõ Kamairu i-ho-ni mĩ-pe* (mais velhos)  
INT kamairu 3.II-ir-SUB onde-LOC

‘para onde Kamairú foi?’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

- (117) *i-ka'a*      *r-ehe*      *kamara*      *i- 'ĩ-ni*      (mais velhos)  
 3.II-mata      LK-sobre      índio      3.II-falar-SUB  
 ‘sobre a mata deles os índios falaram’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

Em predicados estativos:

- (118) *mõ*      *kararahu*      *i-kira-ta-ni*      *mĩmehẽ*  
 INT      paca      3.II-estar.gordo-FUT-SUB      quando  
 ‘quando a paca vai estar gorda?’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

- (119) *amẽ*      *kahu*      *r-ape*      *i-kỹ-ni*      *nĩ*  
 PERM      carro      LK-caminho      3.II-seco-SUB      INTEN  
 ‘deixa a estrada ficar seca!’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

A estrutura menos finita do verbo em predicados estativos ainda pode, em alguns casos, ser encontrada na fala dos mais jovens, como é o caso do exemplo (115b) e está quase sempre relacionada à presença da partícula *ni* que denota intenção. É possível que o sufixo *-ni* tenha se lexicalizado nessa estrutura. Outra diferença importante da manifestação dessa estrutura no Guajá que o diferencia de outras línguas já documentadas é que, de acordo com Magalhães (2007, 2016) e Praça, Magalhães e da Cruz (2017), o Guajá é a única língua encontrada até o momento que apresenta a referida estrutura morfossintática ocorrendo não apenas com predicados que têm verbos como núcleo, mas também com predicados nominais, como ilustrado em (120). Além disso, a estrutura pode ser ativada por partículas específicas, tais como a partícula mostrativa *kwa* (120) e a partícula interrogativa *mõ*, como em (121).

- (120) *kwa*      *kwarahy-ni*      *mĩ-pe*  
 MOSTR      sol-SUB      lá-LOC  
 ‘lá está o sol’ (Magalhães 2007:249)

- (121) *mõ*      *karai*      *ka'a*       $\emptyset$ -*jaky-ni*      *mĩ-na 'á-pe*  
 INT      não.índio      mato      3.II-mexer-SUB      onde-DUB-LOC  
 ‘onde será que o não-índio está mexendo na mata?’ (Magalhães 2007: 248)



apesar de haver variação, ainda é muito mais comum encontrar o vestígio dessa estrutura nesse tipo de sentença do que nos predicados que expressões adverbiais sincrônicas antepostas. Para nós, a estrutura dessas sentenças deve ser entendida como lexicalizadas<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Para uma investigação futura mais aprofundada, será necessário analisar narrativas de pessoas mais velhas e verificar, na fala dessas pessoas, a produtividade dessa estrutura em todos os ambientes aqui apresentados.

## CAPÍTULO 4

### Análises das construções com sintagmas adverbiais antepostos

Aqui, entraremos mais especificamente na análise do fenômeno a que se propõe investigar este estudo. Neste capítulo, observaremos essa construção em uma perspectiva gramatical e em uma perspectiva pragmática comparativa, ao analisar a estrutura do Guajá levando em consideração a manifestação do mesmo fenômeno em outras línguas da família Tupí-Guaraní.

#### 4.1. Análise gramatical

Vimos até aqui que as expressões adverbiais funcionam primariamente como predicado nessas línguas e que normalmente ocorrem mais à direita da sentença, como uma informação adicional. No entanto, como expressões adverbiais que são, podem ocorrer também em outras posições da sentença, que não ao final.

Nos ateremos aqui nas construções que apresentam expressões adverbiais deslocadas para o início da sentença, construções essas que, nas línguas Tupí-Guaraní, causam uma alteração morfosintática no núcleo do predicado verbal.

No caso do Guajá, quando uma expressão adverbial aparece no início da sentença, o predicado verbal que a segue passa a receber um sufixo *-ni* ~ *-ri*, além de passar a ser associado obrigatoriamente às marcas de pessoa da série II, conforme ilustra o exemplo (124), de um verbo monovalente eventivo antecedido por uma expressão adverbial, em contraste com o exemplo (125), em que a expressão adverbial ocorre em posição final e o verbo ocorre com a marca de pessoa esperada da série I e sem qualquer sufixo:

(124) *terẽ*     $\emptyset$ -*pepe*            *i-ho-ni*  
trem    LK-em                    3.II-ir-SUB  
'De trem, ele foi' (Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 51)

(125) *o-ho*    *terẽ*     $\emptyset$ -*pepe*  
3.I-ir    trem    LK-em  
'Ele foi de trem'

O fato de a anteposição da expressão adverbial promover a sufixação de um morfema específico associado à mudança na expressão da pessoa para a série II, típica de orações subordinadas ou itens lexicais nominalizados, justifica, por hora, decidirmos glosar esse sufixo como ‘subordinador’. Outras evidências serão apresentadas mais à frente para justificar nossa análise.

Uma restrição importante para a ocorrência dessa estrutura, no Guajá, conforme explicado no capítulo anterior, é a de que o sujeito da oração seja de terceira pessoa (conforme ex. 124), isto é, caso o sujeito seja de primeira ou segunda pessoa, mesmo que a expressão adverbial ocorra na primeira posição, não haverá qualquer mudança no padrão morfossintático do verbo (ex. 126). Quando comparado com outras línguas com relação a essa característica, o Guajá se assemelha ao Apyãwa e Kamaiurá, em que o fenômeno ocorre apenas com 3ª pessoa, e se diferencia do Paritintim, em que a alteração no núcleo verbal ocorre com todas as pessoas do discurso e do Tupinambá, em que ela ocorre com a 1ª e a 3ª pessoas.

Além disso, não apenas verbos eventivos intransitivos (ex. 126) e transitivos (ex. 127), mas também os intransitivos estativos (ex. 126) e predicados nominais (ex. 120, repetido aqui como 129) podem ser encontrados nesse tipo de construção, o que difere o Guajá das demais línguas da família até agora descritas.

(126) *terẽ Ø-pepe a-jaho*  
 trem LK -de 1SG.I-ir  
 ‘De trem, eu fui’

(127) *amõmehẽ karai-a are = Ø-ru-00ri kyry’y*  
 outro.dia não.índio-RFR 1PL.II = LK-trazer-NMLZ MUD  
 ‘no outro dia o não-índio nos trouxe’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

(128) *mõ kararahu i-kira-ni mimehẽ*  
 Q paca 3.II-ser.gordo-SUB quando  
 ‘quando a paca estará gorda?’ (Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 52)

(129) *kwa kwarahy-ni mĩ-pe*  
 MOSTR sol-SUB lá-LOC

‘lá está o sol’ (Magalhães 2007:249)

A hipótese geral a ser adotada aqui é a proposta de Praça, Magalhães e Cruz (2017) que defendem que a mudança ocorrida no núcleo do predicado quando uma expressão adverbial o antecede indica que ele assumiu uma forma menos finita, como ocorre com as orações subordinadas adverbiais de finalidade/simultaneidade (ex. 130) e temporais (ex. 131), por exemplo, que também recebem um sufixo subordinador e passam a expressar seus argumentos por meio da série II.

(130) *a-ju*                    *ha-xak-a*  
1SG.I-*vir*                3.II-*ver-FIN*  
‘vim para vê-lo’ (Magalhães 2007: 267)

(131) *nijã*    *ari-jaho*                                    *aha*    *ni = n-aka -mehẽ*                                    *jaha*  
você    2SG.I-*ir*    CTF    2SG.II = LK-*procurar-TEMP*    eu  
‘você foi embora quando eu te procurei’ (Magalhães 2007: 270)

Nos exemplos (125) e (126), repetidos aqui como (132) e (133), respectivamente, é possível observar a mudança de predicados subordinados. Na construção aqui analisada, a expressão adverbial se tornaria a oração principal, uma vez que as expressões adverbiais em Guajá possuem a função primária de predicado, e o que antes era uma oração independente passa a ser uma subordinada assim como nos exemplos de oração de finalidade e temporalidade acima apresentados (ex. 130 e 131). Em (132), a expressão adverbial *terẽ ø-pepe*, que significa ‘de trem’, está subordinada ao predicado verbal, que é naturalmente o dominante.

(132) *o-ho*                    *terẽ*    *Ø-pepe*  
3SG.I-*ir*                    trem    LK-*de*  
‘Ele foi de trem’ (Praça, Magalhães e da Cruz 2017: 51)

Em (133), a expressão adverbial torna-se o predicado dominante, e o predicado verbal torna-se o predicado menos relevante hierarquicamente, subordinado ao primeiro. É por isso

que ocorre de uma forma menos finita. Portanto, o sufixo *-ni* pode ser interpretado como um sufixo subordinador<sup>13</sup> em termos sintáticos:

- (133) *terẽ Ø-pepe i-ho-ni*  
trem LK-de 3SG.II-ir-SUB  
‘De trem ele foi’

O fato de, em Guajá, esse fenômeno ocorrer não só com verbos, mas também com nomes, nos faz pensar que é mais adequado denominar esse sufixo como subordinador e não como nominalizador. Como explicado acima, interpretamos que, toda vez que o sufixo *ni ~ ri* ocorre, ele está associado a um predicado que está subordinado a outro, uma vez que eles precisam estar hierarquicamente organizados na sentença. O exemplo (129), repetido aqui como (134), ilustra a ocorrência com nomes:

- (134) *kwa kwarahy-ni mĩ-pe*  
MOSTR sol-SUB lá-LOC  
‘lá está o sol’ (Magalhães 2007:249)

Em um contexto de ordem predicado verbal/predicado adverbial, a hipótese de Magalhães, Praça e Cruz (a ser publicado) é a de que a expressão adverbial não aparece com uma forma menos finita porque naturalmente já cumpre o papel de informação menos importante quando aparece em uma sentença com um predicado verbal. No entanto, quando ela se torna a informação mais importante, ganhando posição de destaque na sentença, o predicado verbal perde suas propriedades finitas para se conformar à posição de predicado mais baixo na hierarquia dos predicados da sentença.

#### 4.2. Análise pragmática

Anteriormente, analisamos o fenômeno aqui discutido em uma perspectiva gramatical. Nesta seção, daremos foco a como podemos interpretar a ocorrência das expressões adverbiais antepostas em um contexto interacional entre falante e ouvinte e as intenções de fala.

---

<sup>13</sup> Apesar de ser possível uma análise em que esse sufixo é dado como nominalizado (Sasse, 1987), optamos por interpretar como subordinador pelos motivos apresentados nesta seção, inspiradas pela análise de Launey (1994, 2004) para as línguas omnipredicativas.

Na seção 2.2.3, em que tratamos sobre as expressões adverbiais, foi citado que essas ocorrem primariamente como predicados e que aparecem mais comumente ao final de uma sentença, como uma informação adicional, sendo os predicados adverbiais termos periféricos da oração. Quando esse advérbio, que possui maior liberdade de posição dentro da sentença, é trazido para uma posição de destaque, ou seja, mais à esquerda da oração, ele sofre alterações com relação à sua relevância, tornando-se a informação mais importante na sentença.

Em sua análise do Parintintim, Betts (1969) explica o fenômeno da alteração da forma verbal nessas construções, a que denomina “forma demonstrativa do verbo” como sendo aquela relacionada ao que o narrador considera como tópico, em contraste com a forma verbal sem sufixo, a que denomina “forma declarativa do verbo”, que seria usada quando o narrador considera a informação como o desenvolvimento de um tópico<sup>14</sup>. Em outras palavras, “a forma demonstrativa do verbo apresenta o tópico do discurso, e a forma declarativa do verbo apresenta seu desenvolvimento.”<sup>15</sup> (Betts, 1969:10).

Interpretamos, porém, que a noção de tópico utilizada pelo autor se refere ao que linguistas como Kuno (1972), Gundel (1976), Chomsky (1977), Dik (1978) e Reinhart (1982) definem como aquilo sobre o que se quer dizer, ou seja, o referente de uma proposição, não cabendo analisar toda a sentença em que o verbo ocorre na forma menos finita como tópico que apresenta o seu desenvolvimento na sentença posterior.

Outra possibilidade de interpretação do fenômeno das línguas TG tem como base a análise de Launey (1998) a respeito da ommipredicatividade do Nahuatl clássico e do Paez. Praça, Magalhães e da Cruz (a ser publicado) propõem que as línguas da família Tupí-Guaraní por elas analisadas são línguas que possuem, assim como o Nahuatl Clássico e o Paez, uma “dominância remática”. Isso significa que tais línguas organizam sua estrutura informacional em termos de predicado dominante, que será simplesmente o centro informativo, provido das propriedades remáticas. Para melhor entendermos essa afirmação, será necessário esclarecer o conceito de “rema”, que contrasta com o de “tema”.

Ao tratarmos de relevância de informação para a sentença, podemos utilizar alguns conceitos já discutidos na literatura, como “tema” e “rema”. Mithun (1987:16), Salih (2008), Praça (2007) e Launey (1998, 2004) adotam o conceito de tema e rema descritos pelos linguistas associados à Escola de Praga, que tratam da ordem pragmática mais comum encontrada nas

---

<sup>14</sup> No original: “The demonstrative-declarative distinction then enables the narrator to say which of these events he considers as topic (demonstrative) and which he considers to be a development of the topic (declarative).” (Betts, 1969:10)

<sup>15</sup> No original: The demonstrative form of the verb presents the topic of the discourse, and the declarative form of the verb presents its development.

línguas. Mathesius (1939) define tema como a informação que já é sabida ou facilmente presumida na situação apresentada e o rema como “aquilo que o falante declara sobre o tema do enunciado”. Firbas (1964, 1972) define a noção de rema como a informação nova e refina a noção de tema de Mathesius naquilo que possui menor grau de “dinamismo comunicativo”. “Pelo grau de dinamismo comunicativo realizado por um elemento linguístico, compreendo até que ponto o elemento contribui para o desenvolvimento da comunicação, e que, por assim dizer, impulsiona a comunicação. O elemento que carrega o menor grau de dinamismo comunicativo é chamado de "tema" e aquele que carrega o mais alto, o rema”<sup>16</sup>. (Firbas 1972: 78 apud Mithun 1987: 16, tradução minha).

Os linguistas da escola de Praga, dentre outros (por exemplo, Firbas 1964: 270; Greenberg 1966: 100; Lyons 1977: 508; Givón 1979: 296), observaram que a ordem pragmática normal dos enunciadores parece ser tema-rema, ou tópico e comentário. Nos termos de Firbas, a distribuição básica do dinamismo comunicativo é um aumento gradual desde o início da sentença até o fim. Lyons (1977) observa que não há uma correlação muito alta, no inglês e em diversas outras línguas, entre ocupar a posição inicial na expressão e ser temática, em vez de remática. Para muitos, parecia natural que o ponto cognitivo de partida e o ponto de partida da comunicação devem coincidir (Lyons, 1977: 507-8).

No entanto, a ordem em que os termos aparecem em uma sentença pode ter diferentes interpretações. Mithun (1987: 17) esclarece que Thompson (1978), dando continuidade ao estudo de Mathesius (1928), salienta que as línguas podem variar quanto aos efeitos relativos às considerações sintáticas, semânticas e pragmáticas da ordem de palavras de superfície. Em línguas como o inglês, por exemplo, os papéis sintáticos dos constituintes são os principais determinantes da ordem das palavras, enquanto em línguas como o russo e o tcheco, as considerações pragmáticas têm um efeito mais forte.<sup>17</sup>

A escola de Praga descrevia “tópico” ou “tema” como aqueles elementos que aparecem em primeira posição na sentença. Lambrecht (1994: 118), analisando em uma perspectiva diversa, utiliza a noção de que o tópico está relacionado à posição de sujeito da gramática tradicional. O tópico da sentença é aquilo sobre o que se quer dizer, ou seja, o referente de uma

---

<sup>16</sup> No original: “By the degree of communicative dynamism carried by a linguistic element, I understand the extent to which the element contributes to the development of the communication, to which, as it were, it 'pushes the communication forward', (In2:79). "that element carrying the lowest degree of communicative dynamism is called the "theme", that carrying the highest, the rheme".

<sup>17</sup> No original: pointed out that languages can vary in the relative effects of syntactic, semantic, and pragmatic considerations on surface word order. In languages like English, the syntactic roles of constituents are the primary determinants of word order, while in languages like Russian and Czech, pragmatic considerations have a stronger effect. (Mithun, 1987)

proposição. Esse conceito é adotado pelos linguistas Kuno (1972), Gundel (1976), Chomsky (1977), Dik (1978), Reinhart (1982).

Lambrecht (op. cit.), no mesmo estudo, define foco – levando em consideração ainda o parâmetro tema-remática e tópico-foco – não apenas como aquilo que é a informação nova dita a respeito do tópico, uma vez que nem toda sentença possui um tópico, mas como aquilo que é a parte de uma proposição que não é dado anteriormente no momento da fala. É o elemento imprevisível ou pragmaticamente não recuperável em um enunciado<sup>18</sup> (Lambrecht 1994, tradução minha).

Salih (2008), Mithun (1987) e Praça (2007) citam os trabalhos de Mathesius (1939, 1941), que introduz a ideia de que aquilo sobre o que se fala ou o ponto de partida de um assunto é o tema e o que é falado sobre isso ou o núcleo da mensagem é o rema. Tema é o que é conhecido ou compreendido pelo contexto e rema é a informação nova ou o que ainda não é sabido no momento da comunicação. Salih (2008) ainda afirma que a organização natural das informações é a de que primeiro se apresenta o já conhecido e em seguida o que ainda é desconhecido, sendo a ordem tema-remática a sequência mais comum no discurso.

Ainda nesse sentido, alguns conceitos podem ser trazidos para o assunto aqui discutido, uma vez que a posição da expressão adverbial não é canonicamente de primeira posição. Com isso, podemos observar que autores como Lambrecht e Givón, dentre outros mencionados por eles em seus trabalhos, vão conceituar estruturas aparentemente semelhantes à aqui investigada.

Algumas dessas definições é a própria noção de tópico, sendo aquilo sobre o que se fala, mas figurando como a posição de sujeito, seguida de um comentário, que é o que se diz sobre esse sujeito.

Halliday (1967, apud Lambrecht, 1994) conceitua foco da seguinte maneira: “O foco na informação é um tipo de ênfase, pelo qual o falante marca uma parte (que pode ser o todo) de um bloco de mensagens como aquele que ele deseja que seja interpretado como informativo. O que é focal é a informação “nova”; não no sentido que não possa ter sido mencionado anteriormente, embora seja frequentemente o caso de não ter sido, mas no sentido em que o falante o apresenta como não sendo recuperável do discurso anterior. O foco da mensagem é o

---

<sup>18</sup> No original: The focus is that portion of a proposition which cannot be taken for granted at the time of speech. It is the unpredictable or pragmatically non-recoverable element in an utterance. (Lambrecht 1994: 207)

que é representado pelo falante como sendo uma informação nova, textualmente não derivada.”<sup>19</sup>

Lambrecht (1994) continua, afirmando que o conceito de foco como elemento de informação em uma frase pela qual o conhecimento compartilhado e ainda não compartilhado difere um do outro também está intimamente relacionado com o termo usado por Jackendoff (1972). Jackendoff (1972), define o "pressuposto de uma sentença" como "a informação na sentença que é assumida pelo orador para ser compartilhada por ele e pelo ouvinte" (1972:203). Para Jackendoff, o foco é, portanto, o complemento do pressuposto em uma sentença.<sup>20</sup>

O autor traz ainda a noção de “topicalização”, que se refere a construções sintáticas em que há a inversão de uma ordem canônica de objeto, sendo levado para uma posição anterior ao sujeito e ao verbo, ou diretamente antes do verbo em construções VS. Como sugere o nome, nessas construções o objeto passa a ser o tópico, e tem a finalidade de enfatizar algo. (Lambrecht 1994, 201).

Além desses conceitos, com relação a estruturas semelhantes, Givón (2001) ainda propõe a noção de foco contrastivo, como aquilo que pressupõe algo que diverja do que está em evidência, algo que se oponha ao apresentado. Um exemplo disso são as negações:

(135) *Joe didn't kill the goat (> the goat was not killed)* (Givón, 2001: 231)

Joe não matou a cabra (> a cabra não foi morta)

Quando a negação se aplica a uma cláusula sem constituinte opcional, como no exemplo acima, por outro lado, qualquer constituinte pode estar em foco negativo-contrastivo. Nesses casos há ênfase marcada pela entonação:

(136a) *JOE didn't kill the goat (someone else did)*

JOE não matou a cabra (outra pessoa matou)

---

<sup>19</sup> information focus is one kind of emphasis, that whereby the speaker marks out a part (which may be the whole) of a message block as that which he wishes to be interpreted as informative. What is focal is "new" information; not in the sense that cannot have been previously mentioned, although it is often the case that it has not been, but in the sense that the speaker presents it as not being recoverable from the preceding discourse. The focus of the message is that which is represented by speaker as being new, textually non-derivable information (Halliday 1962 apud Lambrecht 1994: 207)

<sup>20</sup> The concept of focus as the element of information in a sentence whereby shared and not-yet-shared knowledge differ from each other is also closely related to the one used by Jackendoff (1972). Jackendoff (1972), whose analysis builds on those of Halliday and Chomsky (1970) defines the “presupposition of a sentence” as “the information in the sentence that is assumed by the speaker to be shared by him and the hearer” (1972:203). For Jackendoff, the focus is thus the COMPLEMENT of the presupposition in a sentence (Lambrecht

(136b) *Joe didn't KILL the goat (he only kicked it)*

Joe não matou a cabra (ele só chutou)

(136c) *Joe didn't kill the GOAT (he killed the cow)*

Joe não matou o BODE (ele matou a vaca)

Todos esses conceitos e as diversas nomenclaturas associadas a um mesmo elemento da sentença foram aqui trazidos para que seja possível refletirmos sobre a análise da estrutura pragmática das sentenças que têm expressões adverbiais antepostas no Guajá e nas línguas da FTG.

Dentre os conceitos aqui disponibilizadas, a que melhor se encaixa no fenômeno discutido neste estudo é a noção de tema e rema. Essa noção nos obriga então a trazer de volta aos conceitos de construções téticas e categoriais. As sentenças categoriais possuem esse duplo julgamento, em que o que o tema é a entidade, em termos sintáticos o sujeito ou aquilo sobre o qual se diz algo, e o rema a informação que se quer dar a respeito dessa entidade.

Se levarmos em consideração as línguas europeias, como o português ou inglês, podemos perceber que a ordem não interfere na sintaxe. O deslocamento de uma expressão adverbial para o início da sentença também não altera a morfologia do núcleo do predicado, que não recebe qualquer marca que torne o verbo menos finito:

(137a) Nós viajaremos amanhã

(137b) Amanhã nós viajaremos

(138a) We will travel tomorrow

(138b) Tomorrow we will travel

Quanto à função pragmática, o advérbio em primeira posição não configura uma construção de foco contrastivo, que seria como: *Amanhã nós viajaremos (não hoje)*; nem um tópico discursivo, como em: *Falando sobre amanhã, nós viajaremos*; nem mesmo um *clause-topic* (Givón,1990), uma vez que o predicado *viajaremos* não é sobre *amanhã*, é sobre *nós*.

O que está realmente acontecendo aqui em termos informacionais é que chamamos a atenção para a expressão adverbial; damos à expressão adverbial o *status* de nova informação mais importantes da sentença. Isso é chamado de rema, se nos lembrarmos das definições

cunhadas por Mathesius, (1939): *O tema* é o que está sendo falado; é o que é conhecido ou compreendido a partir do contexto. *Rema* é o que está sendo dito sobre isso, é o que é novo ou não conhecido no momento da comunicação.

Este fenômeno ilustra bem o primeiro Princípio de Mithun (1987): “Se ambos os constituintes forem igualmente dados ou igualmente novos, informações importantes ou dignas de notícia ocorrem no início da cláusula, enquanto informações previsíveis ou periféricas ocorrem depois.”<sup>21</sup>

Em suma, considerando a declaração de Mithun (1987) de que "a ordem de palavras é puramente pragmática, não oferecendo pistas para o papel sintático", Praça, Magalhães e Cruz propõem que a posição inicial da expressão adverbial nas línguas TG indica que ela está funcionando como o rema e, diferentemente do que ocorre em línguas europeias, nas línguas dessa família, quando a informação nova mais importante é a expressão adverbial, o verbo perde sua forma finita como resultado de toda uma reorganização hierárquica pragmática da sentença, a ser explicada mais detalhadamente a seguir.

Como vimos nas seções anteriores, outras línguas da família Tupí-Guaraní além do Guajá possuem estrutura semelhante com relação ao morfema que surge quando há uma expressão adverbial em primeira posição na sentença. Praça (2007) descreve o fenômeno do que denomina Indicativo II no Apyãwa em termos pragmáticos da seguinte forma:

A primeira posição da sentença é privilegiada do ponto de vista informacional e é, frequentemente, ocupada por sintagmas nominais. Entretanto, uma questão que parece ser pertinente é: por que somente as expressões adverbiais podem ativar o I2 ao ocupar essa posição? Minha hipótese para esta questão é a de que as expressões adverbiais são elementos periféricos ao núcleo da oração, enquanto que os argumentos nominais são elementos internos. Sintaticamente, as expressões adverbiais são ‘adjuntos extra núcleo oracional’, isto é, compõem a oração, no entanto, não fazem parte do núcleo oracional. (Praça, 2007: 122)

O núcleo da oração, descrito pela autora, é constituído apenas pelo predicado e seus argumentos, ou seja, um predicado com sua estrutura argumental saturada.

---

<sup>21</sup> This phenomenon illustrates well Mithun’s Newsworthy First Principle (1987): If both constituents are equally given or equally new, important or newsworthy information occurs early in the clause, while predictable or peripheral information occurs later. (Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado)

Sendo as expressões adverbiais termos que acrescentam informações adicionais à oração e não sendo essenciais ao núcleo do predicado principal, vão ocupar, geralmente, a posição final das sentenças. No entanto, quando são deslocadas para a posição mais à esquerda, elas passam a ser o rema, a informação mais importante, sendo assim informacionalmente mais importante para o contexto.

Em outras palavras, e considerando nossa reflexão sobre as línguas omnipredicativas serem organizadas em termos de construções téticas que não separam tema de rema, teríamos nas construções com expressões adverbiais antepostas dois predicados, um adverbial e outro verbal, organizados em termos hierárquicos, sendo que o predicado verbal, que naturalmente ocupa a posição de maior relevância informacional, deixa de ser o rema por causa do deslocamento do advérbio para a primeira posição, assumindo este último um lugar de destaque na estrutura informacional e tornando-se o predicado mais relevante hierarquicamente.

Essa desrematização é atestada pela mudança do verbo, que toma uma forma não finita na recuperação de seus argumentos, que é a mesma forma das nominalizações das línguas da família. Os argumentos, por sua vez, passam a ser expressos pela Série II de marcadores de pessoa, e a desrematização do predicado é marcada por um sufixo, cognato do sufixo *-i ~ -w*, reconstruído para o proto-Tupí-Guaraní. Isso significa que, não apenas qualquer raiz lexical, quando funciona como rema, atrai as marcas finitas para si, conforme explica Launey (2004) mas, na direção oposta, se o verbo não é o rema, ele perde suas propriedades finitas.

Nos casos mais específicos das línguas Apyãwa e Parintintin, os predicados verbais desrematizados, quando negados, voltam a assumir uma forma mais finita, mesmo quando precedidos pelas expressões adverbiais. Praça explica esse fenômeno afirmando que isso ocorre porque o predicado mantém o *status* de rema, ainda que uma expressão adverbial esteja à esquerda. Por ser um tipo de foco contrastivo (cf. Givón, 2001), Praça (2007) afirma que a negação aumenta a carga informacional do predicado, impedito que sua função de rema se perca, mantendo-se com as características de verbo finito, flexionado com o prefixo *a-* da Série I dos marcadores de pessoa do Apyãwa:

- (139) *epe kã'ã-pe n=a-kwãw-i magãw-ã* (Ap)  
 D.E mata-LOC não=3.I-ser.PL-NEG mangaba-RFR  
 "lá na mata não tem mangaba" (Praça 2007: 125)

(140) *ãxe'i rãka*                      *n=a-a-j*                      *xe=r-opy-ø*                      *ka-pe*                      (Ap)  
ontem PAS.REC                      não=3.I-ir-NEG                      1SG.II=LK-pai-RFR                      roça-LOC  
"ontem meu pai não foi na roça" (Praça 2007: 125)

(141) *majtyri-pe kwee*                      *n=a-xokã-j*                      *wetepe tãxão-ø*                      (Ap)  
Majtyri-LOC PAS.MED                      não=3.I-matar-NEG                      muito porcão-RFR  
"em Majtyri, eles não mataram muitos porções" (Praça 2007: 125)

Sobre o Guajá, de acordo com Magalhães (comunicação pessoal) não podemos afirmar nada com relação aos predicados adverbiais antepostos e o verbo negado, uma vez que essa estrutura não foi encontrada nos dados coletados espontaneamente nem foi possível elicitá-la com os falantes mais velhos desse tipo de construção.

#### 4.3. A relação entre a anteposição de predicados adverbiais e a omnipredicatividade

Vimos até aqui que a estrutura analisada tem forte ligação com as características de tipologia omnipredicativa, pelo fato de que, no Guajá e nas demais línguas analisadas, as expressões adverbiais funcionam como predicado primariamente e pelo fato de que esses predicados, quando ocorrem em primeira posição, tornam-se o predicado principal da oração. Assim, concluímos que a mudança morfossintática ativada pela anteposição das expressões adverbiais está diretamente associada à tipologia omnipredicativa das línguas da família Tupí-Guaraní e que sua ocorrência de maneira produtiva em qualquer dessas línguas atestaria um grau conservador com relação às características omnipredicativas herdadas de uma língua ancestral totalmente omnipredicativa.

No entanto, algumas evidências também apontam para um afastamento com relação ao grau de omnipredicatividade, a depender da língua. Ao observarmos que construções com expressões adverbiais rematizadas já não ocorrem na fala dos mais jovens no Guajá, diferentemente do Parintintim, onde essa estrutura é muito produtiva, podemos concluir que há um afastamento do Guajá das características omnipredicativas, uma vez que, no caso da fala dos mais jovens, a marca de subordinação não aparece mais, nem o marcador de pessoa da série II no núcleo do predicado, mantendo as propriedades finitas dos verbos.

Isso pode indicar que as expressões adverbiais estão perdendo gradativamente a capacidade de predicar primariamente, passando a desempenhar o papel de apenas adjunto, independentemente da ordem em que apareçam na sentença.

As marcas de subordinação vão aparecer apenas em casos específicos, como já descrito na seção 3.2, ou na fala conservadora dos mais velhos ou em estruturas que contêm partículas provavelmente advindas de advérbios e que ativam uma estrutura que parece já estar cristalizada na língua.

Com essa análise, a fala dos Awa Guajá mais jovens se aproxima do Nheengatú, língua que perdeu a maior parte das características omnipredicativas (cf. Magalhães, Praça e Cruz, 2019). Nesta língua, expressões adverbiais antepostas não ativam qualquer mudança morfológica no núcleo verbal, restando da estrutura apenas a mudança de ordem, como ilustram os exemplos a seguir:

(142) *kuxima ya-puraki piassawa* (Nh)  
 in.the.past 1PL.I-work piassava

‘In the past we worked with the piassava.’ (No passado nós trabalhávamos com a piassava) (tradução minha) (Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado)

(143) *a-rire=wã kua kariwa ta-sika* (Nh)  
 DEM-after=PFT DEM non-indigenous 3PL.I-arrive

‘After that, the White people arrived.’ (Depois disso, os não-indígenas chegaram (tradução minha)) (Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado)

Com a perda da omnipredicatividade, as orações passaram a dividir as sentenças em tema e rema, isto é, passaram a ter “juízo categóricos” (Kuroda, 1972), sendo a ordem rema-tema a ordem marcada. Essa inversão de ordem é atestada no Nheengatú (Cruz, 2011) com relação ao verbo e seus referentes e ocorre toda vez que se quer introduzir um elemento novo no discurso ou retomar um referente que não é mencionado há algum tempo. No entanto também podemos observar a mudança na ordem menos marcada verbo-advérbio, principalmente no caso dos advérbios locativos<sup>22</sup>, quando se quer dar ênfase à informação que contextualiza o evento descrito pelo verbo em relação ao próprio evento, como em (144).

(144) *mimi Kuyari apira Sofia ui-ri* (Nh)  
 far Cuiari above Sofia 3SG.A-comes

<sup>22</sup> Os advérbios temporais do tipo ‘hoje’ normalmente já ocorrem na primeira posição, sendo mais rara sua ocorrência em posição final de sentença. (Praça, Magalhães e da Cruz, a ser publicado)

‘From far, from above Cuiari she came.’De longe, de cima de Cuiari ela veio. (Cruz 2011, p.531)

De acordo com Magalhães, Praça e Cruz, (a ser publicado), e de acordo também com as informações aqui fornecidas, é possível concluir que, com a perda gradativa da omnipredicatividade observada nas línguas da família TG (cf. Magalhães, Praça & Cruz, 2019), a tendência parece ser a de que se perca também a produtividade da estrutura nominalizada/subordinada, sobrando apenas a estratégia da mudança da ordem básica verbo-advérbio para marcar a ênfase na informação expressa pelo advérbio, caso da variante falada pelos Guajá mais jovens e pelos falantes de Nheengatú.

Quanto à restrição de núcleo que pode ocorrer como predicado subordinado ao predicado adverbial, das línguas analisadas pelas autoras somente o Guajá não possui restrição, podendo a subordinação ocorrer com verbos eventivos, estativos e até mesmo com nomes. Isso pode atestar que, na hipótese das autoras, tendo como ancestral uma língua completamente omnipredicativa em que qualquer entrada lexical funciona primariamente como predicado, qualquer tipo de predicado, numa fase omnipredicativa anterior, poderia ser subordinado à expressão adverbial, como é caso ainda do Guajá, e, com a perda gradativa da omnipredicatividade atestada nas diferentes línguas, a partir de característica como a) verbos não possuem a mesma facilidade que nomes tem de referir (mesmo em línguas mais conservadoras como Tupinambá e Apyãwa); b) verbos precisam ser nominalizados para funcionar como SN referenciante (Guajá, Kamaiurá, Nheengatú); c) necessidade de cópula em certos contextos para instituir a função de predicado em nomes (orações equativas do Kamaiurá), verbos (Tupinambá) e advérbios (Apyãwa, Guajá e Nheengatú) essa estrutura se restringiu aos predicados ativos, caso do Apyãwa, do Kamaiurá, do Parintintim e dos dados registrados do Tupinambá.

No que diz respeito à restrição de pessoa no predicado subordinado, pode ser observada em maior e menor grau com relação às línguas aqui já mencionadas, ocorrendo no Tupinambá com 1ª e 3ª pessoa e em Guajá, Apyãwa e Kamaiurá apenas com a 3ª, ficando o Parintintim de fora do rol das restrições de pessoa, pois ocorre com todas as pessoas do discurso. O fato de o Parintintim não possuir tais restrições pode atestar que, no passado, essa construção ocorria com todas as pessoas, como manteve o Parintintim, e foi se perdendo nas outras línguas.

Praça, Magalhães e Cruz ainda afirmam que, posteriormente, por motivos de polidez, a 2ª pessoa ficou excluída. Talvez, por extensão, de uma pessoa intralocutiva para outra

intra locutiva, a primeira foi eliminada em seguida. Outra hipótese surgida em conversa das autoras com Spyke Gildea é a de que a ocorrência com a primeira pessoa seja, na verdade, uma inovação, entendendo que as pessoas intra locutivas (1ª e 2ª) são naturalmente a informação mais relevante da sentença e, mesmo que uma expressão adverbial seja colocada em posição de destaque e ganhe maior importância informacional por estar em primeira posição, o núcleo oracional com sujeito intra locutivo continua sendo o rema, o que não aconteceria com a 3ª pessoa, que, em termos de relevância informacional possui menor grau, a sentença com expressão adverbial em primeira posição ganha maior relevância, desrematizando mais facilmente o núcleo oracional. A extensão dessa estrutura para a 1ª pessoa teria sido uma inovação, sendo mais difícil acontecer com a 2ª pessoa, que, por motivos de polidez, mantém maior relevância informacional. Nessa perspectiva, o Parintintim seria, então, menos conservador e mais inovador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na expectativa de encontrar respostas para algumas perguntas que surgem a respeito do fenômeno primeiramente intitulado como Indicativo II, nos debruçamos em cima de dados que pudessem nos iluminar com relação à ocorrência do fenômeno.

Associando tudo que foi descrito no presente estudo, podemos resumir o que foi observado até aqui:

- a) As línguas TG são descendentes de uma proto-língua omni-predicativa onde verbos, nomes e expressões adverbiais podem funcionar como predicado;
- b) Línguas que possuem características omni-predicativas produzem construções téticas, em que não há divisão entre tema e rema e os argumentos são expressos dentro do núcleo do predicado, sendo o predicado o rema da oração, não existindo tema. Assim, os SNs, quando não estão predicando, são termos adjuntos ao núcleo, que apenas esclarecem a referência, no Guajá, dos marcadores de pessoa.
- c) Ao existir mais de um predicado na sentença, haverá uma hierarquização dos predicados.
- d) Em uma sentença com dois predicados, sendo eles um verbal e um adverbial, a ordem comum será predicado verbal-predicado adverbial, sendo o predicado verbal hierarquicamente superior.
- e) Quando há a necessidade de enfatizar uma informação nova trazida pelo advérbio, que contextualiza um evento expresso pelo predicado principal, ele é levado para uma posição de destaque, que é mais à esquerda da sentença, tornando-se o novo rema, desrematizando o predicado verbal, que passa a ter propriedades menos finitas, uma vez que se torna subordinado ao predicado adverbial enfatizado.
- f) Orações negativas, mesmo com o advérbio anteposto, não ativam essa estrutura subordinada na maior partes das línguas (com exceção aparente do Tupinambá, apesar de não termo conseguido encontrar esses dados), o que pode ser justificado pelo fato de a própria negação manter a carga informacionalmente mais relevante no verbo, não permitindo que o advérbio que contextualiza o evento assuma a função de rema mesmo quando preposto, caracterizando um foco contrastivo.

Dentre essas premissas, pudemos observar que a construção analisada aqui possui modificações morfológicas, sintáticas e pragmáticas e algumas das mudanças morfológicas e

sintáticas, como a perda de finitude do núcleo verbal e alteração de série das marcas de pessoa, está se perdendo na fala dos Awa Guajá conforme a faixa etária, mantendo-se tal construção apenas na fala dos mais velhos.

Com essa informação, é possível concluir que o Guajá, nesse sentido, vem se afastando das características omni predicativas, afastamento já atestado por meio de outras evidências, como a necessidade de nominalização dos verbos para que estes funcionem como argumentos, o que indica que as classes de palavras estão tomando cada vez mais sua propriedade próprias, o que é bastante interessante.

Ainda assim, a estrutura aqui analisada traz informações importantes sobre o passado omni predicativo da língua e a sua ancestralidade, permitindo que sejam tecidas considerações diacrônicas não só do Guajá como das outras línguas da família.

A relação com outras línguas, principalmente as que ainda não foram muito exploradas com relação ao fenômeno, como o Parintintim, inspiram que novos estudos sejam realizados, buscando uma investigação ainda maior sobre esse afastamento das características omni predicativas.

É pertinente que se continue a investigação principalmente em uma perspectiva de locais de fala, se há alguma interferência na fala dos jovens de acordo com a quem eles remetem a mensagem, e isso pode ficar como um incentivo para novas pesquisas e trabalhos de campo. Fazer parte dessa corrente de investigação é fascinante e estudar línguas indígenas me abriu os horizontes da linguística e, mais ainda, das diferentes culturas e línguas existentes na enorme extensão do nosso Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, J. *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil (1595)*. São Paulo: Loyolla, fac-simile from the first edition, 1990.
- ANCHIETA, J. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- ANCHIETA, J. *Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BETTS, LaVera D. *Parintintin Discourse*. Associação Internacional de Linguística SIL - Brasil Anápolis – GO, 1969.
- CASSIELLES, Eugenia & PROGOVAC, Ljiljana. *Protosyntax: A Thetic (Unaccusative) Stage*. In: *Theoria et Historia Scientiarum*. Vol. IX. Ed: Nicolaus Copernicus University, 2012.
- COMRIE, Bernard. *The Syntax of Causative Constructions: cross-language similarities and divergences*. In Shibatani M. (ed.), *The Grammar of Causative Constructions*. p. 261-312. Academic Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology (Syntax and Morphology)*. Chicago: University of Chicago Press. 1981
- COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology (Syntax and Morphology)*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- CRUZ, Aline; MAGALHÃES, Marina. M. S.; PRAÇA, Walkiria. N. *A morfologia transcategorial e sua relação com o padrão omnipredicativo em línguas da família Tupi-Guarani*. ReVEL, vol. 17, n. 32. [www.revel.inf.br], 2019.
- CRUZ, Aline da. *Fonologia e Gramática do Nheengatú*. The Netherlands: Tese de doutorado, Vrije Universiteit. ISBN: 978-94-6093-063-8, 2011
- CRUZ, Aline da; PRAÇA, Walkiria N. *Innovation in nominalization in Tupí-Guaraní languages - A comparative analysis of Tupinambá, Apyãwa and Nheengatú*. In: Roberto Zariquiey, Masayoshi Shibatani and David W. Fleck (eds.). *Languages of the Americas*. 2019. John Benjamins Publishing Company, 2019.
- CUNHA, Péricles. *Análise Fonêmica Preliminar da Língua Guajá*. Dissertação de mestrado. Departamento de Linguística, Campinas, UNICAMP, 1987.
- DELANCEY, Scott. *Lectures on Functional Syntax*. University of Oregon, 2000.
- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FIRBAS. *On Defining the Theme in Functional Sentence Analysis*. *Travaut Linguistiques de Prague* 1.267-280. Jan. 1964.

- FIRBAS. *On the Interplay of Prosodic and Non-Prosodic Means of Functional Sentence Perspective*. In: Fried, 7-94, Jan. 1972.
- GARCIA, Uirá Felipe. *Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2010.
- GILBERT, Glenn G. *Valency and valency grammar*. In: The Encyclopedia of Language and Linguistics, Vol. 9, Ronald E. Asher & Joy M.Y. Simpson (eds), 4878–4886. Oxford: Pergamon Press, 1994.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a Functional-Typological Introduction*. Vol. I/II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GUAJÁ. *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/en/Povo:Guaj%C3%A1>. Acesso em: 7 abril 2020.
- HALE, Ken. *Warlpiri and the grammar of non-configurational languages*. NLLT. Natural Language & Linguistic Theory 1: 5-47, 1983.
- HALLIDAY, M.A.K. *Notes on Transitivity and Theme in English*, Journal of Linguistics 3.31-81, 199-244, 1967.
- HOPPER, P. J. & S. A. THOMPSON. *Transitivity in Grammar and Discourse*. In: Language, 56.251-99, 1980.
- HOPPER, P. J. & S. A. THOMPSON. *The discourse basis for lexical categories in universal grammar*. In Language, Volume 60, Number 4. p.703-752, 1984.
- JACKENDOFF, R. *Possible stages in the evolution of the language capacity*. Trends in Cognitive Sciences, 3(7), 27 217 9. 1999.
- KURODA, S. Y. *The Categorical and the Thetic Judgement. Evidence from Japanese Syntax*. Foundations of Language, 9.1, pp. 153-185, 1972-73.
- LAMBRECHT, Knud. *Informational Structure and Sentence Form*. Cambridge: CUP. Doi:10.1017/CBO9780511620607, 1994.
- LAUNEY, M. *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl*. Paris: CNRS Editions, 1994.
- LAUNEY, M. *The features of omnipredicativity in Classical Nahuatl*. Sprachtypologie und Universalienforschung, 57(1), p. 49-69, 2004.
- LEITE, Yonne. *A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil e as línguas indígenas brasileiras*. In: Bessa-Freire, Ribamar, 2003.

- LYONS, J. *Semantics (Vol. 1)*. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.
- MAGALHÃES, Marina M. S. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá*. Tese de doutorado. Brasília/Brasil: UnB, 2007.
- MAGALHÃES, Marina M. S. *Levantamento da documentação existente sobre o povo indígena Awá-Guajá e registro e sistematização de informações sociolinguísticas e demográficas atuais*. Produto de assessoria prestada à FUNAI, via GIZ. 2013.
- MAGALHÃES, Marina Maria S.; MATTOS, Ana Cristina Rodrigues. *Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá*. Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária, p. 251-284. Brasília: UnB, 2014.
- MAGALHÃES, Marina Maria S.; PRAÇA, Walkíria Neiva; CRUZ, Aline da. *Indicativo II da família Tupí-Guaraní: uma questão de modo?* Línguas Indígenas Americanas - LIAMES, p. 39-58. 2017.
- MAGALHÃES, Marina Maria S.; PRAÇA, Walkíria Neiva; CRUZ, Aline da. *Gradação da omni-predicatividade na família Tupí-Guaraní*. Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Lingüística Forma y Función vol. 32, n.º 2. Bogotá, Colombia, ISSN impreso 0120-338x–en línea 2256-5469, p. 151-189. 2019.
- MAGALHÃES, Marina M. S. *A gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá e sua relação com a omni-predicatividade*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 897-918, set./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300002>.
- MARTY, A. *Gesammelte schriften*. vol. II, part 1. Abteilung. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1918.
- MATHESIUS, Vilem. *On the Linguistic Chamcterology of Modem English*. Actes du Premier congres international de linguistes à lo Haye. 1928.
- MATHESIUS, Vilen. *O tak zvanem aktualnim cleneni vetnem.* ("On the so-called functional sentence perspective). SaS 5.171-174. (Reprinted in Cestina a obecny jazykozpyt (The Czech language and genenl linguistics). Prague 1947, 234-242). 1939.
- MITHUN, Marianne. *The evolution of noun incorporation*. Language, vol. 60, n. 4, p. 847-894, 1984.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. *Sobre o Indicativo II no tapirapé*. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Estudo sobre Língua Indígenas, vol 1*. Belém: UFPA, 2001.

- PRAÇA, Walkiria Neiva. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. Brasília: Tese de doutorado. Brasília/Brasil: UnB, 2007.
- QUEIXALÓS, F. *Posse em Katukina e valência dos nomes*. In: CABRAL, A. S.; Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. p.177-202, 2005.
- QUEIXALÓS, F. *The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani*. In: LOIS, X.; VAPNARSK, V. (Org.). *Root classes and lexical categories in Amerindian languages*. Vienne: Peter Lang, p. 249-287, 2006.
- QUEIXALÓS, F. *Grammatical Relations in Katukina-Kanamari*. In: GILDEA, S.; QUEIXALÓS, F. (Org.). *Ergativity in Amazonia*. Amsterdam: John Benjamins, p. 235-284, 2010.
- QUEIXALÓS, F. *L'ergativité est-elle un oiseau bleu?* Munich: Lincom, LSLT 26, 2013.
- RODRIGUES, A. D. *Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Universidade de Brasília, p. 177-202. 2005.
- Queixalós, F. (2001). Le suffixe referentiant en Émérillon. Em F. Queixalós (Coord.), *Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question* (pp. 115-132). München: Lincom Europa.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Morfologia do verbo Tupi*. Letras, 1, 121-152. 1953.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Argumento e predicado em Tupinambá*. Boletim da ABRALIN, n. 19, p. 57-66. 1996.
- SASSE, H.J. *The thematic / categorical distinction revisited*. Linguistics 25, 511-580. 1987.
- SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp (Coleção Pesquisas), 2000.
- SOMMERFELDT, Karl Ernst & SCHREIBER, Herbert. *Worterbuch der Valenz etymologisch verwandter Wörter: Verben, Adjektive, Substantive*. Tübingen: Niemeyer. DOI: 10.1515/9783110918878. 1996.
- TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structural*. Paris: Klincksieck, 1959.